

Água

André Gaspar



elefante 
editores

2022

AMAR A POESIA, DIGITALMENTE

A poesia em formato digital terá o mesmo
sabor, o mesmo odor?

Seremos capazes de encontrar o prazer da
leitura num ecrã de computador?

Editamos poesia desde 1996 e queremos,
agora, dar o passo para além dos limites do
papel.

E cada leitor poderá, em sua casa, imprimir e
construir o seu livro. Também ele cúmplice
desta batalha pela poesia que não pode ter
fronteiras, nem barreiras.

Elefante Editores

Sinopse

“Água” é uma obra poética recheada de paradoxos e figuras de estilo, com um enorme rigor métrico na maior parte dos poemas. Uma obra ambígua e contraditória, com diversos estilos, desde sonetos, redondilhas, galopes à beira-mar, entre outros. Uma procura incessante pelo eu, assim como o seu encontro, e todos os dúbios trilhos no intervalo.

«Ser inteiro é o atalho da descoberta,
é quando somos nós na totalidade
que se vê na escuridade uma aberta
onde ser quem vemos é novidade.»

Assinatura

Saber estar longe, perto,
dúbio, incerto, é colocar
o silêncio a descoberto
e ver quem és no lugar

onde nasces no segundo,
novo mundo, nova moda,
caminhando nesse fundo
jovem, invenção de roda.

Sumir paralelo a tudo
enquanto tudo rebenta,
vou sentir os dedos mudo
como a luva me assenta.

Silêncio

Perceber outro,
ir ao seu encontro
na metade,
sem tempo, cidade,
anúncio fluido
desse artigo,
soar adquirido
do ser no abrigo.

Som que chega
sem páginas a ler,
sentido que verga
os vincos do ser,
e depois aberto
perceberás perto
aquilo que rui,
e lá dentro,
aquilo que flui.

Grilos

Problemas de lógica não possuo,
no entanto, a cabeça não raciocina,
Estou na esplanada que usufruo
onde o meu estilo é como vacina.

Já me começo a deslembrar de mim
porque os círculos onde ando cirandam.
Posso plantar por aqui um jasmim,
mas é foleiro onde as flores andam.

Então escrevo este lítio dançante
como modo de me manter desperto
para tudo aquilo que é penetrante.

Tenho vários eus, vários estilos,
e para estar contigo ponho perto
as metáforas, sirenes de grilos.



Poeta

Silêncio exalta-se como uma rua
onde andamos a trilhar sem saber,
a boca é muda quando a voz é nua
porque a verdade mostra nela o ser.

Vem caminhar sobre a água falada
e encontrar nela o fundo percorrido,
emoção, vem em busca da pedalada
que tenho, cocaína dita e inalada

pelas narinas da vida que levo.
Sou um grande maluco encantador
que por sentir paixão aqui escrevo.

Poeta. Quero um poeta na vida,
quero agarrar-te longínquo da dor
e apresentar-te a poesia sentida.

Inconsciência

Estar consciente da inconsciência
é estar constantemente a investigar
quem habita na constante fluência
que em nós vemos flutuar e habitar.

É ficar contente por ser distinto
e distinguir sonho de realidade;
consciente inconsciente me sinto
e contento-me com uma verdade,

aquela que é inegável e evidente,
que estou consciente da inconsciência,
verdade que cultivo em quem me sente,

quem habita na constante fluência
da pesquisa que faço consciente
à procura da minha consciência.

De repente

No de repente do teu olhar
sinto a irrevelada sensação
que faz de súbito desejar
manifestar em ti a atração,

como se lábios silenciassem
ao morderem o pensamento
e as tuas feições me incitassem
mais do que tenta o momento.

Corpo cego de sentir a fuga,
desejo perplexo de captura,
suspiro lento de paixão muda
enquanto o prazer se apruma.



O que vou fazer

Vou elevar-te na corrente que desconheces,
vou deixar-te pensar tudo até ficares sem
pensamento,
e te deixares levar pelo sonho.

A lógica é uma artimanha de pessoas pouco
sábias,
é apenas um meio para poderes viver sem ela.

Emoções, isso sim, mostram a tua índole.
É isso que quero, descodificar-te os sentidos,
e dizer adeus a qualquer lógica que sigas.

Fazer-te sonhar.
É isso que vou fazer.
Sonho.
E vou fazer-te sonhar.



Ilusão de ótica da noção

O que serei eu que não sei quem sou?
Eu que me sinto múltiplo e verídico,
e que esboço esboços para onde vou
procurando ver algo não fatídico.

Sou alguém que não observo no espelho,
ilusão de ótica da noção,
que concebo no quem que me assemelho,
mas que não sou eu, apenas ficção.

Continuo à minha procura no ego,
onde monto tantas peças de lego
que me deslembro daquilo que sinto.

Então os quadros do pintor eu prego,
de um pintor que sempre colora cego
a verdade que no meu olhar pinto.



Uma casa

Moro aqui, nos poemas. Uma casa
que edifiquei com o passar do tempo,
fiz na minha vida uma tábua rasa
e na folha branca escrevo o momento.

Busco aquilo que brota de repente
na fluência de um impulso imprevisto;
ler bardos antigos treinou-me a mente
a vestir o pensamento que visto.

Endireito os suspensórios cismados,
puxo as calças da vida para cima,
e calço solos dúbios e amolgados

onde jornadaio, onde ponho a face,
que é várias faces, rimas numa rima
onde rimo sem que a dor me amasse.



Cadência

Comecei a sentir mais a cadência
das músicas que vou ouvindo surdo,
ou seja, tenho uma enorme tendência
para escutar melodias de um mudo.

Alguém que sou e vou capacitando,
curvas onde viro constantemente,
calhas onde divago, e vou falando
para que corra na expressão somente.

Ouço mentiras onde quer que vá indo,
e isso faz-me escolher este sentido
onde posso comparecer sumido,

onde sinto que não existe a mentira,
e isso faz com que vá descomprimindo
e alimentando os pássaros da lira.



Acaso

Se quiseses vir, estás à vontade, estou aqui,
[nunca dúbio,
sempre verdadeiro,
verdade molhada que chega,
desbotando com ela as artimanhas e monições
[de um olhar,
que chega levando
com ele qualquer ciano que exista.

Quero conhecer-te, sensível sim,
porém é preciso frio para esfriar aquilo que,
por mero acaso, se chama amor.

É um acaso, uma pólvora que se desenrola,
e enrola como uma ganza.

Vem, é o que te posso dizer, sou eu,
e espero por ti na magia dos curiosos.



Palco bilateral

O mundo, palco bilateral
que escorre pela torneira das sensações,
é um instante
e a vida soante uma dissonante aventura
que cresce na rotina
que não existe,
a não ser nas férias
de quem somos.

Adormecer

Subimos escadas oleosas
para podermos chegar
a quem somos naquele lugar,
topo tropical onde o sono tomba
e balanças no deserto aquoso
da cama entre palmeiras.

Adormecer, só isso,
o sono conta a história
que buscas nos livros que paginas,
como páginas nos ramos de um sobreiro,
folhas essas um sossego,
lugares esses uma invenção.



Viragem

Viragem da realidade
no meandro descoberto,
assoma então a cidade
depois do chão inquieto.

Busca por uma verdade
nas ruas por descobrir,
o vento não tem idade
e ser o vento é ver rir.

Ver rir o ser que percorre
a cidade de que falo,
e a emoção irrompe e corre
quando os vocábulos calo.



Olhar

Olhar é saber estar
perdido do que se pensa,
porque cabe nesse olhar
o que a cabeça dispensa.

E então tudo se contorna
como uma terra encontrada,
a rotunda que se entorna
nas curvas da ala passada.

Silêncio. Olhar e saber
que cegas são as palavras,
assim vais ver e colher,
no instante, aquilo que lavras.



Poetar

Paradoxo persistente
nos olhos com que te vejo,
teima, é feição insistente
e a metáfora é que adejo.

Ruas nas tuas feições
que me dão genuinidade,
são puxadas por cordões
levando-me à realidade.

Vários sentidos em rotas
que me esqueci de tomar,
vou calçar as dúbias botas
e prosseguir a poetar.



Galope à beira-mar I

Apago a voltagem que embica comigo
no palco onde paio na volta que dou,
o ser é rotura, paisagem, abrigo,
alguma miragem que mostra onde estou.

Noção predileta de um mar que aparece,
de um chão que se eleva distante do céu,
a vela do barco onde estou vela e vesse,
a dor esmorece e a utopia sou eu.

Vem ter à paragem voar e esquecer
pra veres a forma do corpo e do ser.



Outros

Às vezes descampo, fico fora
desse enredo chamado realidade;
suponho estar dentro de outro que mora
numa das moradas desta cidade

que sou, e todos os que isso acarreta,
porque se não estou cá onde estou?
Estarei noutro de mim, um poeta
que aqui mora e que me vivenciou

enquanto me senti daqui sumido?
De certeza que um outro em mim habita;
um não, sinto mil almas num sonido

que é um singular sujeito que transita
de um ente para outro. E eu? Eu divido
quem sou sem saber onde estou, na escrita.



Voar

A escrita é a fuga,
como uma presa que escapa às afiadas garras
de quem tem juba, turba
que nasce e cresce na prolixa voz
que aguda desnuda lentamente os dedos
que passeiam
na incógnita paisagem predileta
de um falsete que se sente
perto do ouvido intrínseco,

como uma asa sem vírgulas
que bate na lógica do movimento
e que decide, sem que saiba, voar.



Trapézios

O compasso que comigo caminha
é um galope que escuto na cabeça,
a sinceridade é a minha vizinha;
é ela que me faz ver a voz avessa.

Uma voz que edulcora a realidade
onde me sinto a pensar perplexões;
fico perplexo com esta cidade
que descobri no meio de visões,

onde as ruas enfeito de ornamentos,
decorações de corações imensos
que uso para enfeitar os pensamentos.

E ando assim, a ouvir o ritmo que surge
nos trapézios que estão aqui suspensos
onde a voz que falo é timbre que ruge.



Galope à beira-mar II

Cantor de paisagens fugidas e abrutadas
onde o eco se torce em pianos ouvidos.
No olhar do puxão das canções absolutas
vive a asa da nota que toca os sentidos.

O doce poema passeia nos passos
que dou na viela das vozes do ritmo,
escuto o licor que desliza nos aços
das penas, um chumbo ligeiro no cimo.

E então oiço o ser como nuvens no ar,
não fosse pensar em ser livre o meu mar.



A minha voz

É a minha voz, diferente de tudo,
que me faz conhecer o meu carimbo,
uma marca que trace um quadro mudo
e que possa erguer o que está no limbo.

Sonho e esquisso no poema esse sonho,
não para que me possas entender,
mas para que entenda onde me suponho
e possa perceber quem é este ser

Que é um poeta que às vezes desconheço,
e que aqui pervaga de vez em quando
neste outro ser onde um outro ser teço.

E ando assim, pela cabeça andejando,
onde aquilo que penso transpareço
e a minha voz vou ouvindo e ceifando.



Olhar II

Passeio pelas cortinas
que se abrem para a lua que chega
como um relâmpago de gola alta
a uma janela onde o olhar
não se esboça nem é doce,
mas sim apenas olha
e não esconde nenhuma margem dita
pelos interlúdios do pensamento.



Integral

A expressão
é onde nos sentimos,
dúvida que se torna certeza,
confiança.

E nos corrimões da personalidade
agarramos os degraus,
como um tónico que se vai subindo
para que o cume
seja um ser inteiro,
integral.



Liberdade

Acordo baralhado, a sobriedade
vai aparecendo morosamente;
vou fazer uns passeios, liberdade
inalada que inspiro de repente

enquanto passo-a-passo me descubro.
Ando a vaguear enquanto componho
os versos na folha aérea que encubro
nas voltas de diversos que me ponho.

Outros seres que por aqui observo,
e que são quem sou, multiplicidade
sóbria que me entrelaça, onde sou servo

da utopia que é a minha realidade;
em lumes acesos e dúbios fervo;
vou fazer uns passeios, liberdade.



Intervalo

A praia acalma-me, o susto da morte
condensa-se nas ondas para que olho;
é escrever para procurar a sorte
que em páginas submergidas desfolho.

Mergulho na ondulação, que é metáfora
daquilo que penso, e aquilo que sinto
é dúbio, a funda voz exposta fora
onde o pensamento apresento e pinto.

Ando a emergir nessas ondas que falo,
na escrita que é já um modo de vida,
na minha rua existe um intervalo

entre o que digo e aquilo que construo,
porque a consciência está dividida
e então nela me divido e flutuo.



Nascer

Drogar-me
é uma maneira
de estar sempre a nascer.

Nascer no instante,
roubando o mundo ao mundo,
feliz e confuso, reto e obtuso.

Nascer em mirabolantes alucinações
que me fazem
acreditar em mim e esquecer
futilidades.



Timbre

Vivo atolado em ébrios pensamentos,
filosofias que crio e que faço,
sou adepto dos instantes, momentos
que aproveito neste soalho raso

que piso à procura de explicações,
de algo que seja verdade inconcussa.
Tenho mil perguntas e opiniões
e sou um artigo da voz difusa

que me lembra do timbre que possuo,
uma bússola das minhas loucuras
onde encontro um lugar onde confluio.

A loucura faz parte de quem sou,
as palavras são em mim sóbrias curas
para que descubra onde eu estou.



Faz-te

Breve curva que se produz no pensamento
quando perdes o caminho por onde andaste,
aparece então um imóvel movimento
que te faz vadiar pelo inverso contraste.
Depois de na turbulência pores cimento
é tempo de colocares no solo uma haste,
pois depois de assistires ao mar turbulento
vais apanhar uma onda. Não medites, faz-te.



A paisagem

A paisagem, essa, é um enorme enredo
onde estendo a miragem que fabrico,
disse adeus à mágoa e acenei ao medo,
e agora com a dor na escrita brinco.

Cedo comecei a ver existentes
enredos que de facto não existem,
fui internado, e conheci doentes
que as suas alucinações omitem.

Porque estar muito lúcido é ser louco,
e então descobri na insóbria poesia
uma mão depois de sentir o soco.

E vejo a paisagem lúcido, a ânsia
é uma memória que me sabe a pouco
quando o futuro é o odor da maresia.



Poema marítimo

A história, essa, é sótão.
O futuro, esse, história.

Intransigente passear dos teus olhos
pelo mundo que se esquece de ti
se dele te esqueces.

Perceber que aqui se vive
é uma descoberta de um caminho marítimo
onde uma nau nos leva
como Cabo que se passa
ou mão que se agarra
e fecha como um cadeado,

âncora que desce para que segure,
solo que estremece para que a fissura nasça,
vento que chega
para que os moinhos sejam cavaleiros.



Passadiço

O passadiço onde andamos é efémero,
e sentir isso é querer andar rápido,
fazer o que fazemos com esmero;
no meu caso é a poesia, o alvor obtido

nos versos que faço faz-me ser alto,
faz com que conceba uma marcha própria.
As curvas que cruzo e as valas que salto
são a dor camuflada de alegria.

Passo a vida a olhar e a fazer charadas
para as quais procuro uma resposta;
as palavras são vozes ateadas

pelo timbre que aqui não silêncio,
cada verso é uma disposição posta
no relento de outro que me sentiu.



Galope à beira-mar III

O ser é entendido nas praias pensadas;
o mar entretendo o amovível cenário
que nasce se sonho em marés avisadas
pelo eco da margem de um íntimo rio,

onde ergo a cabeça e saltito no mundo,
no fundo fundido com a asa do amor.
Aquilo que escrevo é um estreito segundo
no tempo parado onde vive um alvor.

E vou escrever para estar mergulhado
no ritmo da dor que passou a ser prado.



Ruas como poemas

O zimbardo daquilo que penso surge
nas ruas que ando a ler como poemas,
leio muito, a literatura punge,
e escrevo o que apreendo nos dilemas.

Assuntos surgem sem que peça nada,
tudo flui como é suposto fluir,
o rio que sou na minha voz nada
e rumo a uma foz eu me sinto a ir.

Venho aqui parar, um qualquer agudo
que se solta de um piano tocado
na orquestra que alço no canoro fundo.

Aquilo que escrevo é um cravo voado,
e a metáfora é uma visão que grudo
onde a realidade é um sonho guindado.



Arte

A loquaz percepção prega partidas,
aquilo que vejo não é o que existe,
por vezes caminham vozes ouvidas
e na realidade nunca as ouviste.

Uma confusão surge, e discernir
o que é real do que não o é comanda
aquilo que penso, vejo partir
o pensamento que orço na varanda.

Tudo se torce em rio, como um pano
torcido, que a minha nascente forra,
onde afino as cravelhas do piano.

Chego depois a um porto, um barco parte,
e eu contemplo o içar da sua âncora,
compondo, e vendo no mar a minha arte.



Espadachim

Tudo bilateral,
tudo um cenário que brota
como um crisântemo
que se esqueceu no vaso
enquanto te perdias num monólogo.

Olha a caveira
e torna-te espadachim,
a espada é fruto
que se arranca da pedra
como maçã que caí
e nela tem gravidade.



Ária

Mundo aberto
para a longínqua jornada que fazes,
sem que tenhas consciência
da viagem antes de olhares
a janela do avião que plana
na turbulência do sotaque aéreo
que se ouve como uma ária tocada,
acompanhada pela orquestra
onde estão os instrumentos
que és na amplitude do teu maestro.



O outro idioma

Avisto um sonido naquilo que ouço,
sinto uma voz por cima das falas;
a ilusão naquilo que vejo pouso,
mas discirno os bonés das suas palas.

Ser um poeta é ter uma tendência
para andar numa constante procura,
e é isso que faço, é já uma valência
escrever quem sou, e é também a cura.

A poesia revelou-se uma rota
onde me vou sentindo e revelando;
a loucura que sinto no ego brota

e a vida que levo aqui vai brotando.
Ser um poeta é ser um poliglota
porque outro idioma ele vai poetando.



Galope à beira-mar IV

Parcela de campo colhido por mãos
de impulso que estão em lugares tingidos,
e aqueles chamados sensatos e sãos
estão nesse campo com gestos fingidos.

Passeia no palco um ator que disfarça
quem é, usa as feições sem saber ter cabeça,
e então todo o mundo é uma íntima farsa
que traça em pessoas a sorte e a sentença.

Ator das vivências não vê a honradez,
honesto pessoa demonstra quem és.



Sumiço

Ando a dar xutos às folhas de outono
e a ver passar esta andança que faço,
e entre vários pensamentos adorno
as várias divisões por onde passo.

Um sumiço de onde estou acontece
enquanto divago pelas vielas,
parece que quem sou desaparece
e se divide em diversas parcelas.

Desapareço por instantes, tácito
panorama que surge repentino,
e me faz sumir naquilo que sinto.

Sumo, adormeço e de repente acordo,
volto à realidade, mas o meu tino
fica distante, e então aqui o bordo.



Búzios

Mancha obliterated pelo soar
dos búzios que escuto na ribamar,
deito-me na areia e deslembro tudo,
fico a sós com o que aprecio, o mundo.

O mundo aglutina-se nos meus olhos
e o olhar desarrolha rolhas aos molhos,
daquelas que atravancam o que existe,
e quando as tiras vês quem és e riste,

porque existe o universo por achar
dentro daquele que julgas saber,
basta esqueceres quando olhas o mar,

esqueceres que sabes por inteiro
aquele que julgas ser o teu ser,
e esboçar um ser uno e verdadeiro.



Sem boia

Ofegante soletrar
da vida como se o perigo
fosse um dilúvio
onde queremos nadar
sem boia ou respiração.



Contigo

Vem ter comigo onde vejo
o toque do tempo a remar,
a carta dos lábios, um beijo,
o envelope do teu olhar.

Assina o meu pensamento
com uma leve gargalhada,
foge comigo no momento
em que subimos a escada.

No cume nos encontramos,
bem escondidos do mundo,
nesse refúgio onde olhamos
o eflúvio de cada segundo.

Contigo a prisão é distante
e o tempo não tem tapumes,
o meu amor é um tripulante
para onde quer que tu rumes.



Escrever

Vou escrever até não poder mais,
achei aqui o abrigo que busquei;
e o que consideram coisas reais
são cenários que por aqui sonhei.

Ser um poeta tem que se lhe diga;
o sucesso é uma miragem distante
e então só a vontade nos irriga,
e vivemos sem palmas. Um amante

do universo que ninguém vai ouvir,
é o que sou, e estou destinado a ver
o talento varrido por sentir

que ninguém vai ligar ao que redijo,
mas não paro, continuo a escrever
e a fazer da lira o meu regozijo.



Mais lúcido

Vejo a realidade mais verdadeira,
acordei e sinto-me dentro dela;
vou então acender uma fogueira
e ver nas fagulhas a minha tela.

Sinto-me mais lúcido nos passeios
que vou dando, sinto menos ambíguo
o cenário onde enlaço os meus meneios,
e apesar de mais perto, estou longínquo

como sempre, distante deste mundo,
onde faço da poesia a bandeira
içada na haste plantada no fundo.

Abro da sóbria loucura a torneira,
das gotas que caem sou oriundo;
vejo a realidade mais verdadeira.



Amor por Completo

Pudesse o amor mimicar
e as mãos seriam maestros,
desejo em tom de ficar
perto de lugares destros.

Pudesse o amor consolar
como se fosse ele a compor,
se deessoa é como entoar
na pessoa que o ouviu a dor.

Pudesse eu tomar um copo
com o segredo da surdez,
mas seria apenas um corpo
longe da beleza da fluidez.

Por isso aprecio os gestos,
por vezes festas, outras garras,
e demonstro o amor sem restos:
um todo de farras e amarras.



Vedado

Vedado. Estou com os olhos vedados,
cego para o que se cruza comigo,
os meus desejos são os enteados
de algum ser que procura quem persigo.

Viso saber tudo aquilo que possa
através das filosofias que ergo,
mas se uma conclusão em mim se roça
é uma ilusão das premissas que vergo.

Tenho então de acreditar que estou certo
mesmo que me julgue errado ou incerto,
porque só assim posso acreditar

que aquilo que penso não é um produto
ilusório que gero, como um fruto
colhido nas cegueiras deste olhar.



Galope à beira-mar V

Paisagem sumida no sóbrio sumir
que abraça quem sonha e se perde,
nas calhas dos olhos te vês a sorrir
se vês o terreno que o fruto te cede.

Apaga a mentira, a verdade é a chegada
ao mar que te mostra o dilúvio cedido,
na água que escorre presentes a estrada
que leva a um lugar encontrado e sumido.

Não penses, pensar é perder a jornada
que se ergue na vida sentida e sonhada.



Estou difundido na voz que sei
que se dissemina em quem sinto ser,
sei viver numa poltrona de um rei,
mas ponho num tugúrio o meu viver.

Apanho na rede os peixes voadores
do parecer nadador e voado.
Abro a janela, vejo várias cores,
mas sinto um palco cinza e nebulado.

Neblina que com o tempo se vai
pois aprendi a viver sóbrio de ideias,
e então a página dos ramos cai

como esta folha onde andas e passeias,
poema onde a minha voz é algo aí,
aí onde ouves o que passa nas veias.



Delírio

Inalo as memórias, degraus que subo
para que me possa subir melhor;
nos meus pensamentos coloco adubo
para que o delírio seja maior.

Talvez o que escrevo tenha valor
para um poeta que como eu sinta
na grande queda da vida o amor
que alguém enquanto vai a cair pinta.

Quero entregar emoções a sentir
a quem lê nestes versos o delírio,
pois não se vê sedado ou a dormir

aquele que planta na morte um lírio,
e que encontra na poesia o exprimir
do calhau que corre no interno rio.



Poesia

Ando a escrever sem parar os poemas
que vou expondo, sinto que possuo
milhões de filosofias, dilemas
que preciso de expor, temas que suo.

Estou numa constante descoberta
daquilo que sinto e vejo distinto,
posso para comigo uma meta
que é redigir tudo aquilo que sinto.

E o que sinto é dúbio, raro, e flexíloquo,
aquilo que penso tece-se em mil
histórias vindas de um local ambíguo.

O que quero dizer é o que declaro,
que embora seja ainda juvenil
faço da poesia a verdade que aro.



Galope à beira-mar VI

Cabeça cansada de andar a rodar
neste eixo que chamo de moca abismal,
no meu mundo a vida aprecia pairar
nas redes vitrais de uma guisa vocal.

Na cave de quem sou derrama o licor
da vida subida, a aurora atordoa,
existe no centro essa forma de amor
que a música soa e os poemas entoa.

Por isso cultivo os acentos daqui,
e passo a cantar o que insóbrio eu vi.



Enredos

Germino a cada segundo que passa
porque a existência é para se sentir.
A morte chegará, mas não me faça,
pensar na morte é deixar de fluir.

Quero que a poesia seja um reflexo
de quem sou, um espelho cristalino
para onde miro, e contemplo perplexo
a eterna inovação que aqui lamino.

Quero fluir na onda que me concebe,
no mar que adereço com os meus dedos,
porque alguém em mim consome e bebe

aquilo que outro redige, uns enredos,
missivas entregues que alguém recebe
na casa de quem lamina os rochedos.



Poetas

Passa aérea a maneira caricata
com que a vida passa pelos poetas,
um absurdo, sensatez insensata
que chega, comprime e arremessa setas.

Expomo-nos em palavras bonitas
para que seja menos doloroso
estarmos a sós com vidas escritas
a tornar o sofrimento faustoso.

E o sofrimento nem é a realidade
porque dor de poeta é dor tingida
por dúbios sotaques de liberdade.

E o sono é uma vontade de sonhar
que surge da verdade desmedida
do poeta querer viver no mar.



Miragem

Passeio dado na praia
onde as sensações se encontram,
o sol serve-me como aia
e as minhas emoções voam.

Penso em ti aqui deitada
perto das minhas loucuras,
ias sentir-te sonhada e amada,
entrar em sonhos e curas.

Entretanto vou sonhando
e apreciando a paisagem,
e as ondas vão-me levando
para a sonhada miragem.



Galope à beira-mar VII

No pátio de enredos passados passeio,
a zona futura é destino traçado,
por isso o passado é o caminho que veio
falar do futuro e deixar-me abismado.

Ou seja, a passagem presente é futuro,
e o tom com que vivo é a metade encontrada,
encontro na fala um dilúvio, um sussurro
que mostra no tempo a chaveta da entrada.

A entrada para o ego onde pouso quem sou,
e o tempo parece mostrar onde estou.



Multiplicidade

Viver para poetar é a minha vida,
ando perdido, mas sempre me encontro,
pois sei que tenho a mente dividida
e que a cada hora que passa sou outro.

Outro que me sabe ser, e que vive
a sua vida dentro de outras vidas.
Muito tempo à minha procura estive
para saber destas idas e vindas

de pessoas que por aqui passam,
pessoas que sou e onde sei morar,
outras vozes que em mim se envidraçam.

Penso noutras cabeças que pensam,
estão vários a morar num só lar,
e existe em vários eus uma menção.



Palco

A contradição é já dicção obrigatória
para o entendimento humano,

somos todos contraditórios
e ter noção disso é um salto à vara.

O olimpo não me explica quem sou,
mas se nele me imaginar
e se a noção daquilo
que é Olimpo for outra,
então a explicação surge,
daí que devemos criar
os nossos próprios conceitos
e separarmo-nos de conceitos
pré-concebidos, assim o cenário
com que nos deparamos
será uma morada
que desconhecíamos,
como se o mundo coubesse
nas palmas, e palmas íntimas
sentisses na comunhão
com a criação
do teu próprio palco.



Salto

Ir ao meu encontro é aquilo que busco,
estar na safra dos passos que dou
enquanto presencio um lusco-fusco
nas lâmpadas que mostram onde estou.

Agarro completos os pensamentos,
não deixo a meio uma ideia, pois quero
esmiuçar as folhas, ver os pigmentos
de emaranhados conceitos que gero.

Por isso cruzo-me onde a razão rege,
na fala implexa da imaginação
onde quem quer voar é quem me elege

para sonhar alto e viver no salto
que faço quando me falta a razão,
e é esse poético salto que exalto.



Rostos

Aviso de que a maré sobe, face
da lua que vejo, rostos que tenho
como se em uma paisagem focasse
várias vistas, mil faces que amanho.

Sinto-me múltiplo, é quem sinto ser
no retrato que ao espelho retrato,
vejo milhões de vozes a entreter
o que penso, o que corre no regato.

Por isso me escrevo e nunca me calo,
mareio no buliçoso silêncio
e é o silêncio que no soneto falo,

tentando manifestar o mistério
que dimana algures no seu halo,
para que haja vida no cemitério.



Por isso escrevo

Aviso prévio do futuro
que corre como uma chita
que se apressa em direção à presa,
pião que roda em dois sentidos,
fogo que arde e se apaga,
borracha na ponta
de um lápis de carvão,
sonido ouvido pelos trompetistas
nos gestos do regente,

o futuro já está escrito,
sou um determinista moderado
e acredito piamente
que aquilo que vai acontecer acontece,
ou sinto tanto o mundo
que acredito que aquilo
que tiver de acontecer acontecerá,

e tudo será um grão de areia
comparado com aquilo que senti
ou pensei para mim,

aquilo que é a minha realidade
será sempre bem maior
do que aquilo que vier
na realidade em si,
por isso imagino,
por isso escrevo.



Entornado

Tácito encetar da dúbia jornada
no enredo que construo na poesia,
é profundo, uma viagem ousada,
um dia de sol onde antes chovia.

É incrível que sabendo ter talento
eu mal o sinta, tudo é inacabado;
imperfeita tradução do momento,
estou a tentar abrir o blindado

acento que passa pela cabeça
para que melhor me consiga ver
e dar-te do melhor modo o que teça.

quero verter-me nas linhas que digo
para que conheças bem o meu ser,
e para isso entornando-me aqui sigo.



Contemplação

Não contemplo com os olhos
que a contemplação é rara,
contemplo ideias aos molhos
como neste templo uma arara.

Coloco o dito por não dito
na dança destes subúrbios,
e essa ideada arara eu cito
quando oiço os seus assobios.

Digo o esteio deste templo
onde o timbre é pura bruma,
por isso apenas contemplo
esta ideia que se esfuma...



Inspiração

Procuro inspiração em todo o lado
porque tudo aquilo que vejo inspiro,
vejo o mar e vejo o meu ser soado
nas ondas que transformo num papiro.

A perceção é uma pena de ganso
posta no copo de tinta do olhar,
aquilo que vejo eu meço, e lanço
para um sítio onde me vejo a lançar.

As metáforas são uma maneira
de me ir descobrindo no que vejo;
resvalam cocos da olhada palmeira

e eu, com uma palhinha os ingiro
pela boca do que penso e desejo,
porque tudo aquilo que vejo inspiro.



Sonho

Sonho. Vivo quem me pensa,
algun ser que me traduz,
algo posto na despensa
onde esse outro me seduz.

Outro que me sabe ser,
pelo menos assim o acho,
mas como poderei saber
se nessa Terra eu me sacho?

Continuo então a sonhar
com esse Eu que procuro,
num sonho tão peculiar
onde a mim próprio sussurro.



Derrapagem da visão

É preciso descobrir algo novo
e sentir de outra forma é uma maneira
de o fazer. Sentindo distinto inovo
pois colho laranjas de uma limeira,

porque naquele que existe outro existe,
e a veracidade é a imaginação,
existe na realidade um despiste,
derrapagem no asfalto da visão.

Sinto que me sei fora de onde estou,
algum lugar onde apanho sotaques
num terreno inventado, e aqui os dou.

Cultivo o bálsamo na realidade,
e o que no passado foram achaques
são agora o acento da liberdade.



Viridário

Aquilo que flui
é aquilo que escrevo,
água que escorre e empolga,
folga das emoções vaiada,

é marginal como um delinquente
e de repente aparece um oleoduto
que preciso de esboçar, pois crude é a escrita,
e o petróleo os véus que destapo,
os estores que abro na vida
para que ela se una a mim
como o mar enrola na areia
sem saber o que ele diz,
pináculo construído no cimo,
esse cume onde me encontro,
esse topo onde a dor
é tão puramente dolorosa
que o seu antónimo é viridário,
alto inaudito e burguês.



Levantar a grimpa

A escrita é um vício, isso é uma certeza,
uma cocaína que aqui consumo
onde procuro em outros a destreza;
o ego é a folha de cânhamo que fumo.

Ando a rimar procurando fumar
as sílabas que desarmo e enuncio,
no futuro irei andar a voar
nestas asas onde adeja o silêncio.

Crio nestas vasilhas que destapo
o meu entendimento de quem sou;
acho na gaveta um rasgado trapo

e troco-o por uma camisa limpa.
Seguir a vogar neste vício vou
para na escrita levantar a grimpa.



Alvorada

Cenário que nos envolve
nesse mundo onde vivemos,
amor que volve e se dissolve
e nos mostra o que queremos.

Vontade de sentir tudo
de dissolvidas maneiras,
sentimos então o mundo
a escorrer como torneiras.

Acordamos sem aviso
nessa peripécia criada,
hoje esse cenário visto
envolvido pela alvorada.



A ilha

Penso muito em tudo, e não penso nada,
ando a procurar o amor que se veste
na vista que olho nas curvas da estrada,
onde assisto a um norte mais para leste.

Ando na ilha que comigo se cruza
em busca de sestas onde pousar,
sonos longos, um sonho que traduza
as rotundas que sinto a contornar.

Vivo para me achar na voz que escuto,
um timbre que conheço e não conheço,
a pessoa que aqui existe ausculto

para que sinta o pulsar de algo aqui,
algo que traduza quem sinto e meço
na bússola onde procuro quem vi.



Vários num uno

Passo-a-passo vou-me vendo onde quero,
vou andando no futuro que vejo,
poesia é um pórtico franco e sincero
e é onde recebo da utopia o beijo.

Dizer tudo o que se possa dizer
e não dizer nada, a contradição
é o suporte da arte a prevalecer
é a cabeça a acordar, um beliscão.

Vou-me construindo, sopros e fogo
que utilizo para acender as tochas
que fabriquei nas paredes do afogo.

Concordância e dissonância em uníssono
na cabeça onde estou, penas e rochas,
vivo em antónimos, vários num uno.



Beijo

Boca sedenta de ver
o cenário que se segue,
pois quando se sente ser
o predador que persegue,

as presas são rubros lábios
que procuram descontrolo.
O que tenho ouvido em rios:
quem se sente não é tolo.

Um beijo começa então
e os sentidos despertam,
porque perto da paixão
as línguas se nivelam.



Dúbio

O passadiço por onde ando a andar
desloca os meus sentidos, fico ébrio
de sensações, um barulho a tocar
no meu âmago, onde me sinto dúbio.

Sinto-me a andar nas cordas da viola
enquanto a música é constituída,
no campo que lavro pego a sachola
e cultivo a terra da minha vida.

No campo que é os vocábulos colhidos
pela mão que na poesia os escreve,
descerro os cortinados dos sentidos,

para que fique mais sóbrio e mais leve;
os olhos por palavras são tingidos
porque todo o olhar é uma vista breve.



Metáforas

Existe beleza em saber
que a morte nos espera,
e é aí que nasce o instante
que se pondera sem que se pondere
ou exija reflexão, surge
um súbito lugar por explorar
na aventura das lianas
que se trepam
como metáforas selvagens
que connosco se cruzam.

Existe mais realidade nas metáforas
do que em qualquer outro cenário real
porque aquilo que nos faz sonhar
é aquilo que não existe existindo,
como uma rota voadora.



Galope à beira-mar VIII

Demonstro a paisagem da qual sou refém,
algemas de licra que prendem quem sou
às vozes que escuto nas letras, porém
estou no lugar onde sei que me dou.

E dar-me é o que quero fazer, partilhar
quem sou na cadência que faço e construo,
estar no poema, viver para dar
aquilo que sei, onde sei que flutuo.

A pólvora acesa que crio é só minha
e o sítio onde estou é onde fluo na linha.



O pensamento evaporou

Ao passar junto a um penhasco mirei
a vista, e por instantes descampei,
sumi de onde estava, fui a paisagem
que olhei, fui levado numa viagem

que me fez estar agora a escrever
sobre como foi desaparecer;
às vezes somos postos para fora
daqui, onde o segundo parece a hora

e o pensamento debanda e evapora,
porque estar aqui é estar consciente
de estar numa caminhada sonora

onde quem anda dentro de nós sente
alguém que foi espezinhado outrora,
e para se amparar, agora mente.



Aquilo que quero dizer

Aquilo que quero dizer
é que para lá do dito
digo aquilo a condizer
com aquilo que eu fito.

Ou seja, que a realidade
é um produto imaginado,
e que a sóbria liberdade
deixa alguém elucidado.

Dizer a imaginação
é imaginar o que digo;
bem perto do coração
imagino-me contigo.



Becos

Fica assinado na folha onde escrevo
a metáfora que sinto no mundo;
sinto no piso que piso o relevo,
ou seja, na realidade o seu fundo.

Ando intermitente entre sons e becos,
porque na realidade existem ruas
que esmiuçadas nos exibem os ecos,
como análogos tons de bocas nuas;

nuas porque são transparentes e puras
como um vítreo espelho para que se olha.
O universo que vejo são misturas,

porque tudo é um lugar amalgamado
a vários lugares que o olhar desfolha,
e o olhar, esse, é por vários paginado.



Galope à beira-mar IX

O mar traz-me vida, parece que observo
o meu Eu nas ondas surfando e boiando,
a espuma da praia encontra-me o trevo
que busco entre trevos, a sorte ambulando.

Poeta. É quem sou, o que quero fazer,
sotaque que teço nos versos que escrevo,
no fundo pertença a outro ver, outro ser
que tece quem vejo nas ondas, e fervo.

A sorte de ver maresia no espelho
é minha, e escrevendo me dou o conselho.



Tino

O tino é já um fogo amaldiçoado
pelas bruxas alucinatórias,
e na bola de cristal
sinto uma grandeza indescritível
acompanhada de uma modéstia crível.

Impercetível modo com que a vida
descose pouco a pouco
aquilo que desconhecemos
como uma ilha que se observa fora
da unanimidade
ou daquilo que se julga
uno e conciso.



Êxtase

Suspiro desconhecido
nos lábios da asa talhada
pelos ramos de tecido
de uma folha suspirada.

Asfixiar de um primor
no respirar de um desejo
que urge na cama do amor
o fôlego aberto d'um beijo.

Sonido que rasga e afaga
na jangada de um abismo,
prever que o deslumbre traga
todo o êxtase que cismo.



Mistérios em conceitos

Caminho e sempre me cruzo comigo;
vejo as pessoas nos passos que dou,
ando nos galhos expostos do abrigo
a destapar os lençóis de quem sou.

Porque ver-me comigo é o que procuro,
o que é raro nos tempos que passam;
ao caminhar vou derrubando o muro
e abrindo portas que chaves vazam.

Ou seja, ando a resolver os enigmas
que encontro no caminho que fabrico,
crio aqui o meu trilho, nestas rimas.

Destapo-me todo nos versos feitos,
e confesso, no meio da dor brinco
e decoro os mistérios de conceitos.



Galope à beira-mar X

Quem vive na teia passeia na rua
que falo, essa rua por cima das telhas,
está nela a forma das coisas, a nua
viela que embarca contigo, onde espelhas

quem és nas feições da jornada esboçada,
no cimo da rua é onde mora o feitio
do olhar, onde vês na desordem olhada
as flores daquilo que sentes no rio.

No rio onde nadas, no sítio onde habitas,
na rua que falo vês no ouro as pepitas.



Água

Vivo escondido, tímido de fama,
porque apenas quero estar a escrever,
dobrar a roupa, e ver cair a rama;
contemplo agora os pingos a chover,

palavras que preciso de juntar
para que molhe os poemas de água,
fazer aqui o meu sucoso mar
e ver as cascatas do Nicarágua.

Quero mostrar-te aqui um aqueduto,
uma ponte entre o que digo e o que lê,
para que vejas na árvore o fruto.

Quero conceber um certo estatuto
para que não vejas em mim clichês
e alagues o olhar num poema enxuto.



Cipreste

No suspiro mais sustido
pela orquestra da liberdade
penso no palco omitido
que exhibe na estirpe a Cidade.

Do cipreste mais eloquente
oiço o ressoar das páginas,
as folhas de um oboé fluente
nos ramos que aqui imaginas.

O idioma é um caule escrito
nos solos mais absolutos,
uma viela onde anda um mito,
uma vista onde caem frutos.



A rolha

O festo das coisas
foi feito para nele entrar
como um barco que vai explorando
a tonicidade e ondulação inexata do mar
por onde anda mareando,

surfista de colinas, nadador aéreo
na loucura espumante.

A rolha salta constantemente
não fosse o momento
aquilo que borda o tempo,
essa incessante trágico-comédia
que nos lembra que somos mais
do que aquilo que pressentimos.



Galope à beira-mar XI

Na inércia passeia uma rota que afaga,
estar na rotunda do ser abre portas,
uma ala aparece na face que alaga
de traços a razão, criação que transportas.

Planície forrada de sonho, de invento,
no súbito palco onde julgas morar,
o nada levanta as colinas do vento
quando ergues no nada o teu ar a adejar.

Adeja no limbo virado para o ego,
o mundo é a montagem de peças de lego.



Simetria

Estou consciente da realidade,
tudo o que sinto surge voluntário;
nos desabes dos prédios da cidade
vejo no fumo um similar cenário.

Porque o fumo é nítido e cristalino
como um paradoxo que desembrulho;
folhas em puros ramos que pagino
que ao folhar o vento fazem barulho.

Oiço com atenção essa fumaça
que aparece no lugar onde estou;
procuro um estrépito que trespassa

nos sonidos que habitam onde vou,
uma voz que noutras vozes se enlaça
gerando a simetria que aqui dou.



Fulgor

Teu corpo fogueado
na fogueira da insensatez,
olhar de relance mirado
mostrando o que não vês.

Ritmo lúcido e insóbrio
rugindo uma paixão assinada,
um beijo cobijando o brio
de uma pessoa apaixonada.

Destoar do rio galopante
que traduz o meu estado,
ver o teu rosto distante
é a tradução do desacato.



Fisga

Existimos e isso
é cunho verídico, ponte,
punho atirado contra a parede
como a pedra
de uma fisga que disparas.

As palavras têm de morder
o pensamento de forma pouco suave,
gargantas cansadas de se sujeitar
aquilo que pensas,
lábios indecisos;
na sua imobilidade surge
a pulcritude dos filósofos,
silêncio.



Galope à beira-mar XII

O mundo é uma ideia frugal e complexa
que paira na minha cabeça e alucina,
nas páginas da alma a galáxia se anexa,
nos livros escritos a origem vacina.

A origem do mundo no meu poetar,
do meu universo virado para o eco
das minhas paisagens, que vejo flagrar,
que vejo abrasar onde monto o boneco.

Boneco esse eu, construído no verso,
lugar onde fluo no espelho submerso.



Soalho visceral

O soalho que piso é visceral,
crio um íntimo laço para onde olho,
não me sinto de todo alguém banal
porque o exterior me visto e desfolho.

Quero planar naquilo que imagino,
pairar pleno nas vielas externas,
e ver nas imensidões do meu tino
as paisagens aéreas e modernas.

Ser uno e difundir-me no vestíbulo
onde passeio em busca de uma porta
para fugir ao pensado patíbulo

que por vezes o pensamento entorta;
é assim que me conheço e me regulo
pois em quem sou quem sinto ser aporta.



Tácita Terra

No relevo de um murmúrio
existe uma branca cratera.
Se ouves o eco no subúrbio
pertences a esta oca Terra.

Um eco cheio de histórias
onde fabricas um mundo,
um mundo de trajetórias
num tempo aéreo e mudo.

Estreitos são os clamores
de quem caminha submerso,
longínquos são os furores
de quem distende o reverso.



Galope à beira-mar XIII

O átrio sensório dos versos plantados
sente-se no timbre sonhado e translúcido
daquele que escreve sotaques olhados
por olhos atentos de alguém que é dilúcido.

Na dor transmitida que escrevo, contente
me mostro, pois dúbio é o sentir do poeta,
é estar muito alegre e também ir à frente
de quem aprofunda uma mágoa que acerta.

É ver murmurar os sentidos ouvidos
por quem lê nos versos os sóbrios bramidos.



Balelas sérias

Criei uma certa rotina; acordo,
depois vou dar um enorme passeio
para espairecer e ver o rebordo
daquilo que se embrulha no recheio.

Depois escrevo, redijo bastante,
para me sentir a encontrar aos poucos,
porque a poesia é a loucura sonante
e o mundo, esse, é cada vez mais dos loucos.

Escrevo para que possa sentir
quem sou a passear pelas vielas,
onde me sinto aos poucos a sumir

da realidade que ponho nas telas
que vou pintando, aqui vejo aplaudir
quem torna sérias as minhas balelas.



Lira

Escrever sem barreiras o mundo
é dilúvio que ferve e se encontra,
existe uma voz que dialoga no fundo,
um rítmico cantar que me direciona,
uma paisagem que me mira
como se no miradouro de mim estivesse
e mergulhasse nos segredos da lira.

Sangue que senti antes de me saber,
é preciso dor para saber ver aquilo
que como um gatilho se sente disparar,
mortalha enrolada que se fuma
como se o ser fosse feito para fumar,
lábios que se cruzam comigo
e me lembram onde é o meu lugar.



Galope à beira-mar XIV

O tempo passeia inexato nas ruas
que vejo e onde corro à procura de mim,
janelas vividas, translúcidas, nuas,
onde olho a paisagem forrada a jardim.

Jardim onde sei que me vejo despido;
estou nu na turba que aqui me reside,
pessoas que não têm noção do tecido
invólucro ímpar que sou, que divide

em vários um só, um só eu em diversos;
a minha noção de quem sou nos reversos.



Sinal de Alerta

Na carruagem do sonho
anda o que atentas ausente.
Na calha onde me suponho
penso em quem o supor sente.

Penso perto na distância
que percorro quando sonho,
essa constante dissonância
onde o pensar eu me ponho.

A realidade escardece
onde o silêncio desperta,
a interrogação aparece:
onde estou? Sinal de Alerta.



Galope à beira-mar XV

Sorriso exaltado na água que bebo
no cálice obscuro de um louco poeta,
as cartas da mente eu muito recebo
e leio sem trela o beber da discreta

paisagem que me olha de modo discreto.
Caminho no palco que fiz para mim
e vou rumo a trilhos que apanho e poeto
tentando ser lido mais tarde por ti.

Escrevo. É o que sei fabricar, os poemas
são o eco que aqui origino entre temas.



Ser inteiro

Ser inteiro é o atalho da descoberta,
é quando somos nós na totalidade
que se vê na escuridade uma aberta
onde ser quem vemos é novidade.

O passado serve para encontrar
quem fomos noutra rua que fizemos,
é importante recobrar o lugar
onde noutras pessoas estivemos.

Porque, pelo menos eu, sinto ter
sido outros neste tempo que passou,
outros que habitaram um mesmo ser

que é quem agora uno e completo sou,
por isso é tão importante reaver
quem fui, para saber para onde vou.



Zona

Embrulho o segredo nos meus dedos
como uma chama que arde o papel,
cenário que se mostra pelas frinchas
daquilo que se sonha fora daqui,
é longínquo o percurso que apaixona
mas quando perto chegas à meta
percebes que sempre estiveste na zona.

Falo longe de quem este corpo prende
como um atalho que sempre conheci,
que me mostra a realidade como montra
e me faz vaguear fora das bermas,
longe dos limites que alguém impôs,
perto de quem sou neste planalto
onde a chuva vazou e o sol se pôs.



Olhar

O pensamento é delito
cometido nos subúrbios
de um atordoante mito
onde ouço teus assobios,

é face alheia que rosna,
muro que tropeça nele,
vontade que nos adorna
e que errica a nossa pele.

É algo notado distante
pelos olhos do profundo,
mas torna-se cativante
olhar a sentir o mundo.



Em relação à droga

Vi um rapaz a drogar-se, e invejei,
mas sinto-me bem melhor assim, sóbrio,
com a droga a lado nenhum irei
e quero estar no futuro com brio.

Por isso deixei isso tudo, e escrevo
lúcido de ideias, e razões sóbrias
trepam quem sou, flutuo no relevo
daquilo que é retesado por guias.

Tenho uma direção e aspirações,
coisas que com droga não irei ter,
por isso, aqui exponho as reflexões

para que se isto estiveres a ler
e fores jovem com opiniões,
possas, como eu, isso perceber...



O meu local

Oiço a minha voz nas músicas que oiço,
crio uma melodia com quem canta,
que deve ser um problema... Baloioço
nas notas e embalo-as com uma manta.

Disse isso ao psiquiatra, não sei
o que ele pensou disso nessa altura,
na minha cabeça sempre cantei
por isso um íntimo duo se atura.

Não sou um doente, mas pareço um,
tive alucinações, julguei normal,
mas mais lúcido, sei não ser comum.

Demonstro-me na poesia formal,
e hoje sei que sou algum em nenhum,
grafando nos versos o meu local.



Galope à beira-mar XVI

O fruto que colho da árvore ouvida
é verso que mana no nexo lavrado,
este ego é colhido na praia perdida,
cascata de um ser que é diverso e sonhado.

O sonho caminha naquilo que escrevo,
desfaz o limite que exista na escrita,
fabrica as janelas que são mero servo
que observa da casa uma tácita vista.

O dúbio sonhar com o que oiço é a maneira
que arranjo de estar consciente, cegueira.



Viagem

Tornei-me sonho aplaudido
pelas palmas das palavras,
trilho cedido e sentido
pelas minhas paixões raras.

Amor que surge e constrói
caminhos por onde passo,
tristeza que se destrói
pois há versos neste vaso.

E assim começo a viagem
pela minha nova vida
onde esboço uma paisagem
vista da janela lida.



Deixo fluir

Grafo como meio para chegar
a algum lugar que ainda desconheço,
vou voando e aterrando, devagar,
e ajuda mística às musas não peço.

vou-me conhecendo enquanto redijo,
é um ponto de encontro de opiniões,
a zona das mágoas, o regozijo,
um pulsar de diversos corações.

O primeiro terceto me convence
de que sou mesmo eu que aqui estou,
e por muito que no soneto pense

isto acaba por fluir, e então fluo
e deixo os versos irem onde vou,
e sem sequer dar por isso, concludo.



Futuro

O passado passa, passa
na recordação devagar,
custa, por isso guerreia
e pensa no futuro lugar

onde queres estender
a tua singular toalha,
onde te queres prender,
onde a folia não falha.

Pensa no quão peculiar
tu és entre a abundância,
o que interessa é pensar
no que serás na distância.



Viagem

Ando dedicado aos meus poemas,
vou-me blindando da madeira olhada
de uma jangada que apresenta os temas
enquanto desço o rio da jornada,

da viagem que faço alheio a tudo
nestas linhas berradas e caladas,
tímidas vozes que agarram o mundo
onde o corpo surge em falas voadas.

Agarro a poesia de mão fechada,
com os punhos prontos para a batalha
e a alma erguida, guindada e levantada.

Existe uma voz noiva que me talha,
que levanta o véu da vista ecoada
onde o meu eco se torce e se espalha.



Galope à beira-mar XVII

Ingressa na casa que escrevo, bem-vindo!
Aqui passeiam as viagens que faço,
um múltiplo ar onde estás contorcido
no chão redigido onde sentes o ocaso.

Gostava de ir mais além, demonstrar-te
a vida que mesclo na casa entendida,
na casa onde sou obrigado a deixar-te
saber o que agrafo na folga estendida.

Passeia na pulcra e estirada cor da asa
que escrevo, bem-vindo a uma tácita casa.



Sentir

Imagino o frugal palco dentro de mim,
palmas monótonas, fama não é nada,
escrever é o espasmo que me contorce,
a maneira que arranjei para me saber,
o modo que encontrei para existir,
porque preciso de deixar aqui existido
aquilo que em mim vi sumir e surgir.

Vou morrer por isso convém viver,
saber o mundo é decifrar quem sou,
navegar nas rotinas incógnitas
das emoções que em mim navegam
como um marinheiro que a terra chega,
pessoas que mostram a existência
pois filosofia é nada, e sentir rega.



Papiro

Foge quem pressente medo,
salta quem euforia sente,
pensar em saltar um penedo
é acreditar que algo mente.

Saber o sabor da vida
é olhar uma folha que cai,
folheada por uma vinda
de uma estação que se vai.

Sentir tudo como suspiro...
Bocejar o medo e ver
num dilúculo um papiro
é saber o sabor do ser.



Galope à beira-mar XVIII

Cavalo que corre nos versos escritos,
na força frenética e firme que surge,
as pautas do amor são galopes inscritos
no trote que pinto no quadro que punge.

Enorme entoar do futuro que busco,
futuro onde a vida será o meu palco.
Daquilo que mana no fundo sou cusco
e aquilo que mana no cimo eu calco.

O sangue que vivi são passos passados;
cavalo que corre nos campos cismados.



Voz discreta

Ando mais poético ultimamente,
uso mais metáforas, digo flores,
acho que é por me sentir mais contente
e ver no nevoeiro os seus vapores.

Não quero que me aches bardo banal
com frases bonitas que me enaltecem,
quero que sintas em mim um local
onde clichês funduras transparecem.

Passeio, passeio, e melhor me sinto,
o que é raro no ofício de poeta,
mas a dor ultimamente eu finto

e como escrever é a única meta,
aqui digo o que no íntimo pinto
que neste soneto é uma voz discreta.



Tempo

O tempo que uso é legítimo,
os ponteiros são intangíveis.
Algures na brecha do íntimo
todas as quedas são risíveis.

A asa que uso para correr
é chumbo que faz flutuar.
Depressa, tropeça no dizer
que o tempo passa a voar.

A morte chega sempre cedo,
mas essa certeza não importa.
Tomba. Ouve o caos sem medo
porque quem ouve abre a porta.



Em busca da perfeição

Sou extremamente perfeccionista,
acho tudo o que redijo imperfeito;
ando sempre à procura da revista
que aqui em cima pagino e endireito.

Sou um poeta autista que procura
o perfeito tom em tudo o que escreve,
e quando a dor chega, punge, e perfura,
é quando escrever me torna mais leve.

Preciso de dizer tudo o que cismo,
é já uma forma de estar comigo
à procura das réplicas do sismo,

e tentar colocá-las neste abrigo
onde faço das letras dinamismo,
onde procurando a perfeição sigo.



Conhecimento

Procuro o conhecimento
que rompe as redes do mundo,
essa essência de cimento
que cava os fundos a fundo.

Os detalhes da liberdade
andam a saltar telhados,
caem no chão da cidade
onde ficam afundados.

Compreender o indefinido
é uma charada infinita,
é ler no passado um somido
que o fugaz futuro avista...



Paradoxo

O lugar que ergo diverge de tudo,
sítio onde brota a cascata que desço,
na queda regresso ao meu profundo
ser, e então dentro da quimera cresço.

Súbito tombo que faz acordar
de repente nos orfeões do fundo,
onde oíço eus num só eu a cantar
e a solfejar aos poucos o meu mundo.

A verdade é que quero resvalar
por completo na pista de bailado
onde me vejo externo, a bailar.

O lugar de que falo é aqui ao lado;
paradoxo onde me sinto a rumar
rumo a um universo mais dilatado.



Galope à beira-mar XIX

Magia encontrada nas várzeas vividas,
profundo entender o pensar das pessoas,
da manga retiro missivas ouvidas
entregues por quem tu procuras e soas.

Verdade que sobe, mentira que desce;
as coisas que escuto são vozes que sinto,
um poço onde o ritmo se escuta e floresce;
sair dele é estar na verdade que minto.

Lembrar-me de quando me via e me ria
é ver na cartola o coelho, magia.



Curvas constantes

Ando a virar um volante diáfano
em curvas que de repente aparecem,
formulo na minha cabeça um plano
para limpar as nódoas que acontecem.

Uma metáfora da dor surgida;
aprendo a purificar a tristeza
para que a poesia seja polida
e possa recuperar a destreza

que preciso, para que possa pôr
da melhor forma quem sou no poema,
e assim da dor germina o meu compor.

Quero compor com tremendo rigor,
respeitando aqui, no soneto, o tema
que rebenta, geralmente do amor.



Amar

Encostado à pedra
deu-me para sonhar,
uma imaginação que se herda
quando se está perto do mar.

E penso em ti sem pensar,
sentindo desejo e talvez amor,
por isso vim versar
sem sequer estar vestido a rigor.

Vou beber um copo,
devias estar aqui,
podíamos sonhar juntos e aproveitar,
perdermo-nos na praia, daqui
íamos para lá do lugar, amar.



Digressão

Se não andar seco, tenho de andar
pelas ruas a prestar atenção
a tudo o que se cruza com o olhar,
para que sinta o acento da visão,

para que não caia para um vazio
que me puxe a grilhagem para baixo,
e me faça deliquar no silêncio;
por isso ando e no passeio me encaixo.

Caminho muito, é já uma rotina
que criei e que tenho de fazer,
procurando a fala que me ilumina

naquilo que se acende no meu ser;
levanto a cortina, e foco a retina
no que na digressão acontecer.



Galope à beira-mar XX

Virtude surgida nas linhas vincadas
por dedos com sede, com fome de mar,
floresce uma dobra nas curvas talhadas,
que curvo ao me ser, e aqui virar e dobrar.

O talhe da curva é o que faço ao compor
os vincos que vejo na forma lunar,
na lua me sinto enquanto ergo o rigor,
é só isso, estar onde quero planar.

Deitado nas letras mareio completo
e o ritmo componho, torneio e projeto.



Verdade abruta

Relógios de pulso ecoados
que se ouvem em imóveis ponteiros,
setas que para paladares olhados
apontam mostrando o sabor da visão.

Visceral equilíbrio do conteúdo real
como cama de cera
que derrete e se verte na refutação do ser.

Sonhador feitio de quem não se sabe,
ignorância desmedida de quem se conhece,
verdade abruta
que teima em se querer
perceber de bruta maneira.



Uma farpela no terraço

A folga do entendimento
é onde a interpretação mora,
ser discreto no momento
é ser eufórico noutra hora.

Uma percepção é um fato
visto de maneiras distintas,
o que atentamos pelo tato
são apenas roupas extintas.

Ver o baço terraço cego
é ser nu quanto à aparência.
Interpretares o teu ego
é vestir com transparência...



Pesadelos

Tenho tido bastantes pesadelos,
mas o medo não parece existir,
desalinho as linhas dos meus novelos
e vejo-as pelo soalho a cair.

Acordo de repente, baralhado,
procurando entender o que se passa;
confesso, fico um pouco amedrontado
com o pesadelo que sempre amassa.

Mas, como eu disse, o medo é nenhum,
apesar de assustado, não o sinto,
o que é no mínimo, um pouco incomum.

Por isso ao ir-me deitar, vou atento,
mas aqui, a redigir, não omito
que ir dormir para mim é um tormento.



O poeta é um tradutor

A visão contesta aquilo que vejo
porque o que vejo não é a realidade,
a realidade é na vida um bocejo
que me impede de ver a liberdade.

Por isso estou muito atento ao que vejo,
com aquilo que comigo se cruza;
ter o meu olhar livre eu almejo
para que aquilo que vir me traduza.

Viver para traduzir o que observo
nestes versos onde o olhar me torneia,
para ser, naquilo que aqui escrevo,

o quem que tanto procuro na escrita,
compor o sangue que passa na veia
e aquilo que a realidade não fita.



Pólvora

Legítimo entoar da cabeça
em terrinas de músicas prediletas
que contigo galopam
em cenários divergentes que convergem,
cavalos pensados que correm
no trote cismado que se tateia
e se tecla como um piano tocado
na pólvora de uma arma
ou uma guitarra usada pelos dedos
da poeira que se comete,
como um crime.



Galope à beira-mar XXI

No ritmo onde pouso a cabeça sonhada
passeia o barulho poético e erguido,
cadência frugal que se cose na estrada
que vejo no sítio onde tudo é polido.

Lugar que lateja na vática boca,
que torce o soalho onde sopro o cinzento;
adejo no timbre que a vida convoca,
onde ergo o sotaque do sádico vento.

Patino na pista daquilo que invento,
daquilo que nasce no instante, momento.



Quero escrever

Quero escrever, depositar o tónico
neste copo que por aqui ingiro;
vou escrever até estar afónico
da voz dos dedos que no papel miro.

Superar-me a cada instante que passa,
poder desenrolar os nós nos versos,
é isso que quero, fazer tábua rasa,
e mirar abrolhar num só diversos.

Ser rigoroso naquilo que grafo,
procurando temas para cantar,
então tudo o que penso aqui agrafo

para que possas o teu olhar pôr
nesta espuma das ondas do meu mar
onde me sinto a surfar ao compor.



As emoções das pessoas

Vibro com as emoções das pessoas,
talvez por não sentir da mesma forma;
reparo nos seus timbres como proas
que observo a chegar na onda que se forma.

Os gestos levantam, estranhamente,
algo que me faz tentar perceber
aquilo que surge em mim de repente
e que é aquilo que cultivo ao me ver.

As sensações que vejo são espelho
daquilo que não consigo entender,
então de peripécias eu me atelho

para erguer o que tento conceber,
que é aquilo que no poema eu grelho
para te dar o eco que estás a ler.



Sem importância

Tenho talento, mas ninguém repara,
escrevo e não tem qualquer importância,
mas existe uma persistência rara
que me balsama como uma fragância,

e que me faz batalhar por quem sou;
vou destruir muros e elevar portas,
vou rugir nos poemas onde estou
e desenviesar as baraças tortas

que aqui vejo surgir e aproximar,
para que um dia me possas topar
e sintas aquilo que aqui coloro.

De sentimentos diversos me forro,
e a diversos galardões eu concorro,
e talvez, com tempo, me oiças gritar.



Galope à beira-mar XXII

Na tenda dos tédios abrótea um suspiro
que faz flutuar como um ópio elegido,
a pena de ganso utilizo, o papiro
redijo contente, e o papel é zumbido.

Palavras: colinas marujas que entoo,
veleiros pisados que ambíguo navego.
com parques sumiços eu rimo e eu soo,
e no ego me sinto, pois, nado no cego

poeta que cumpre o que quero dizer,
que ingressa na vida e comprime o lazer.



Memória

Corro na pista do passado
fixando a vista que carrego,
devagar ando apressado
pois as correrias eu rego.

Serve pensar onde estive
para saber para onde vou.
o ritmo que perdi e obtive
a minha música entoou.

A memória rasga e cura,
bebe o silêncio que adeja,
atira um prego que fura...
..., mas tiro-o para que o veja.



Refúgio

Escrevo porque um dia irei embora,
e comigo tudo aquilo que sonho,
que é o poente vestido de uma aurora,
onde dentro de tudo me suponho,

dentro da vida e de todas as peças
que vejo, e com as quais me vou cruzando;
em nada auxiliam crenças ou rezas
neste lugar onde vou caminhando.

Só confio no que sinto saber,
porque só nisso posso confiar,
mas se não acredito nem em ver

aquilo que de facto é a realidade,
apenas permaneço neste mar
onde sei que não existe maldade.



Enganos

Andam todos a enganar toda a gente,
é triste, roulottes cheias de enganos
a percorrer as almas de quem mente,
deixando nas pessoas os seus danos.

Por isso ancoo na lira, verdade
indubitável que me faz cercar
de histórias longe da realidade
onde não há mentiras a falar.

Quero navegar, surgir no momento
em que descubro a ilha para onde vou;
ando com binóculos ao relento

em busca de um refúgio disto tudo,
onde possa estar somente onde estou,
onde não há enganos, só o mundo.



Galope à beira-mar XXIII

Grafei um poema chamado *A Jornada*,
e espero que vala uma láurea, talvez,
talvez não. Então vou andar na soldada
conversa e tornar-me na ouvida levez.

Sentir-me caminho de mim onde estou,
formar no poema a maré que concebo,
deixar-me levar pelas ondas que sou,
fluir na rotunda que íntima bebo.

Ser eu com os vários que o ser acarreta,
vou ser eu, ser alto, ser salto, um poeta.



Comba

No vale das sensações
dorme um dilúvio distante,
acorda com as pulsações
de um universo pulsante.

No soalho das metáforas
um tsnado baile ambula,
passos de ocasos e auroras
deixam a quietude fula.

Marcha no negro bailado
como um soldado caminha,
solda os fios do desagrado;
assim verás a paz vizinha.



Fumaça

O rio corre e eu colho o seu fluxo,
agarro a corrente e vou escrevendo,
a sua nascente e foz eu uso
numa voz que aqui vai aparecendo.

Escuto aquilo que passa no limbo
e vou passeando nessa frisagem
do compasso do fumo do cachimbo
que fumo, ergo fumaça, uma miragem.

Sobe um ruído que desmistifico
entre cascalhos de calçada e brechas;
o fluxo vou apanhando, e edifico

a casa no alvo onde arremesso as flechas.
nas escadas da realidade fico
longe dos degraus e coisas lamechas.



Galope à beira-mar XXIV

Preâmbulo leve que enceta o poema.
O vício de ser contador de sílabas
é certo e sabido. É na minha suprema
vontade de ser entendido nas abas

que vivo, que sinto as porções a encaixar,
desejos a andar, uma paixão a acudir;
sinto-me liberto nas voltas do mar
que aqui ando a erguer, a montar e a subir.

Escalo a razão e esqueço-a, sumido
no hialino velame que teci do rompido.



Raiz

Métodos pouco convencionais
usados para raptar a loucura
que aflora como uma tulipa
que se arranca dos livros que lê,
raciocínio inexato que aborda
uma psicologia contemporânea
onde os traços de personalidade
são apenas ramos de uma árvore
que te esqueces que tem raiz.



Sonha

Sonha. Mas nunca repouses
numa estrada que não é tua.
Escrevo para que pouses
os teus passos nesta rua.

Sonha. Quero que tropeces
no mais absoluto do ser.
Busca aquilo que mereces
na amplitude do querer.

Ser absurdo é não sentir
na veracidade a fronha.
Repousa, e começa a ouvir
o estreito da rua... sonha.



Fuga do mundo

Não tem mal nenhum ver-me diferente,
a vida escolta quem em mim repara
que por aqui me sinto competente;
fugitivo que os poemas apara

em busca de um sítio onde repousar
a tola. Poema: fuga do mundo,
lauda em branco pronta para voar
através dos dedos, asas no fundo.

Sou díspar sim, poeta marginal
que acredita que o que diz vale a pena,
talvez original, talvez banal,

mas de uma coisa eu tenho a certeza;
que a poesia é a minha única arena
onde me apresento com tal clareza.



Despedida

Pensa num mundo biforme,
na forma que entoa a vida,
espera que a onda se forme,
prepara uma despedida.

É turbulento, bem sei,
custa saber que tudo acaba
como se fosse uma lei
que uma estrutura desaba.

Diz adeus a tudo e observa
de perto o mar a se elevar.
A onda depressa se eleva
para que a possas surfar...



Expressão

A visão estofa aquilo que sinto,
vejo nítido, claro e transparente,
as alucinações neste recinto
onde aquilo que vejo é diferente

do que na realidade se debuxa,
porque ser louco é ver a realidade
arrastada por algo que me puxa
para algo para lá do que é verdade.

E então posso confiar no que vejo?
ao estudar Descartes sei que não,
mas se na visão coloco o azulejo

que não coincide com o que é existir,
então tenho exprimida a opinião
de que por aqui me posso exprimir.



Para-quedas

Nado no rigor
que a mim me proporcionei
como uma queda dada
da janela ou do precipício
que julgaste sem saída,

mas o topo tem para-quedas
e a distância que percorres ao cair
é um decorar
de uma imaginação
por percorrer.



Galope à beira-mar XXV

A chama incendeia nas vozes que escuto,
sim, vozes, caminho no atalho da luz,
atalho onde sinto que o trilho executo
nas linhas de alguém que se expõe, e traduz

a ponte que levas contigo nas beiras,
travessa composta por lírios e chuva;
suposto é encontrar as fundas carreiras;
saber inclinar a visão, ver a curva.

Depois acender essa chama das vozes;
deixar as fagulhas nascer, bem velozes.



Ser poeta é o que sei ser

Ser poeta é o que sei ser, apartado
lugar onde ergo a hélice do amor;
quem aqui pousa é por mim encontrado
e quem daqui voa deixa o sabor.

Quero-te próximo embora longínquo,
pois tudo é dúbio, e se te julgo ver
foi uma visão de um olhar ambíguo
que na minha visão vi conceber.

As voltas que dou, por onde reflito,
fazem-me fazer crer que sou visível,
mas se durante um tempo me medito

penso não ser concebível ou crível
que as pessoas percebam o que sinto
sem que planem na hélice acessível.



Vem ter comigo

Vem ter comigo ao instante
onde os segundos patinam,
terra longínqua e distante
onde as palavras desfilam.

É intrincado este futuro,
é um rumo por descobrir,
ao passado eu murmuro
para as sensações abrir.

Vem ter comigo ao presente
que no fundo é cada instante,
só me descobre quem sente:
terra longínqua e distante.



O amor

O amor rapta os sentidos, torce o mundo
que julgamos saber e conhecer,
vira do avesso as perceções, no fundo
desalinha tudo o que habita o ser,

mostra o reverso daquilo que existe,
ilumina e escurece a rua onde ando,
é no caminho cruzado um despiste
e uma sensação que vai despistando,

faz cambar o mais valente guerreiro,
chegar a um lugar onde vozes crescem
e onde somos nelas um passageiro.

O amor surge e revela as emoções
que nunca ponderámos que existissem,
e acorda de rompante os corações.



Galope à beira-mar XXVI

Noção redigida por dedos cansados
de tanto escrever, ponho flores em vasos,
palavras nos versos, e planto fumados
vapores na lua sonhada em ocasos.

Complexo sabor do negrume luzente;
é dúbio saber as memórias que tenho,
vejo-me em distintos, um gélido quente
na água da fonte de vários que apanho.

Apanho pessoas no pátio onde existo,
e o vasto vestíbulo eu visto, provo e revisto.



Ternura

Numa mesa de botequim onde a tolda
abriga a figura de quem cavaqueia,
bebo um cimbalino que o paladar molda
e o acento nortenho tece-se na veia.

Por entre cigarros declaras que me amas,
assim, sem que a prosa o proporcionasse,
com essas tuas córneas que despem ramos,
com essa tua índole de folia e classe.

Ruborizo como se a tolda não tapasse
e olho-te pela quelha que nos aúna,
digo sabes o que sinto na tua face
e aguardo esse pulcro silêncio, ternura.



Galope à beira-mar XXVII

O vasto serão que passei na colina
ao pé de uma praia foi um ótimo tempo;
gerir esse tempo é importante e vacina,
fruir da melhor forma da asa do vento

ensina a pensar, a ser livre de coisas
que não importam, a ser uno e acessível,
mas por mais que sigas o mar e que me oiças,
aquilo que quero é que admitas possível

aquilo que nunca pensaste ser óbvio:
que deves ficar por teu mérito sóbrio.



Nasci para isto

Nasci para isto, sóbria fonte inglória
do meu pensamento, ser um poeta
é um cargo ingrato, casa giratória,
é estar a falar o que sei sem meta,

divagar muito, e cultivar delírios,
viajar entre brumas e momentos
à procura dos translúcidos rios
onde desaguam os sentimentos.

Mas é isto quem sou, por isso versejo
sabendo que não vou longe com isto,
dizendo as coisas lúcidas que vejo.

As palavras que me vergam eu visto,
onde esboço na poesia o desejo
de ser poeta maior, aí invisto.



Peculiar

Mergulha no desconhecido
para que conheças o incerto,
bem longe canta um ruído
para que o releias de perto.

Sacode o arquivo que vestes
para que vistas o que sentes.
Agita as poeiras agrestes
para veres vistas ausentes.

O desconhecido é agora,
é um mergulho imensurável.
O visceral rosto aqui cora
quando visto o inexplicável.



O viajante

Viajante de memórias fugidias
que chegam como fagulhas pulantes,
é como me sinto durante dias;
viajando nas páginas de amantes

do mundo. Enfeito a visão de janelas,
de pequenos vasos, versos gulosos
que me fazem afogear as velas
para esquecer os momentos chuvosos.

Subo as escadas das ébrias noções,
engulo o absinto daquilo que penso,
e leio poetas, inspirações

que busco, penso que seja propenso
para alimentar as minhas ficções
e melhor vogar neste mar imenso.



Personalidade

Vivo na minha personalidade
conhecendo os diversos onde moro,
realidades dentro da realidade
onde de pessoas eu me decoro.

Não é imaginação, é uma certeza,
tenho gostos e vidas diferentes
conforme aquilo que aqui apareça,
e aparecem várias fendas nas mentes,

que são vários lugares onde estive
sem ter consciência desses lugares;
outra pessoa que habito e que vive

dentro de quem são pessoas ímpares.
Mas quando estou no poeta sou livre
de observar em mim os vários luars.



Perto

Ando por estas vielas
a passear e a sonhar,
o passeio acende as velas
e o olhar me vejo velar.

O olhar flui como água
por estas encostas frias,
é preciso fazer tábua
rasa, e estar onde te rias.

Estou agora onde sei
que estou no sítio certo,
no olhar perdido remei
para agora estar mais perto.



Diversas vistas de uma janela

Colho paisagens numa só paisagem,
uma janela com diversas vistas
que se torna na minha viagem
em direção a trajetórias mistas.

Passado que chega que me elucida
do caminho que andei a percorrer,
e que mostra vidas dentro da vida;
em mil poetas me vi escrever.

A memória afoga na sua imagem,
faz desaparecer da ocasião,
nela examino a súbita drenagem

dos pensamentos que vou desfraldando,
e esqueço-me de existir na visão
para que possa existir em quem ando.



Galope à beira-mar XXVIII

Procuro a visita do jeito da escrita,
engodo onde envolvo o passado vivido,
memória que busco, futuro da vista
nas telas do olhar no profundo solvido.

Aéreo soar do assobio do fundo
que voa na vida que levo e torneio,
o leve soprar desse incógnito mundo
é ouvido nas ruas por onde passeio.

Cantando o passado e o futuro eu ando,
não fosse o meu tempo pergunta de quando.



Pintura

Desfolho o prisma do sonho na vida,
insiro na realidade o assobio
que faz surgir na página sumida
os rabiscos daquele que é o meu pio.

A realidade já sumiu faz tempo,
mas continuo preso à sua rua,
ando dividido, e o meu passatempo
é a poesia, que é a minha vida nua

escrita nas folhas de ramos vários,
onde coloco a raiz do que sinto
e crio as correntes dos frios rios.

Sei-me real, mas será que sou?
A realidade de aguarela pinto
e no final, a pintura aqui dou.



Correspondência

Convido-te a aqui engolfar
como um bilhete colocado
na álea de um agitado lar
onde se acha o teor agrafado.

No cume onde nos observamos
um penhasco resolve surgir,
depois decidimos se saltamos
ou se o que fazemos é fugir.

Se foges mergulhas no passado,
se saltas perdes o que passou,
mas se aqui te sentes engolfado
é porque esta carta a ti chegou...



Galope à beira-mar XXIX

O mundo planeia um futuro risonho,
um riso exalta-se no mar ideado,
será um produto de um pálido sonho
ou é praticável que seja lembrado?

A vista futura contorce o piano
que aflito nivelo, enuncio e profiro,
engendro nos versos a música, um plano
que faço nas teclas da lauda que viro.

Desejo compor com rigor a paixão,
talvez uma noite vejam este chão.



Remodelação

Vivo a passear nas ruas da vida,
a olhar nos livros o olhar de poetas
que esboçaram a locução vivida
em poemas de falas inquietas.

Ando a oferecer nós no parapeito
onde deposito o meu cotovelo,
e o que aqui pulsa, o que bate no peito,
é um compartimento que remodelo.

Ando a decorar estas assoalhadas
de palavras que sempre conjeturo,
a minha fala são chispas chispadas

vindas da enormidade do sussurro,
e os meus poemas linguagens dadas
a quem lê aquilo que aqui penduro.



Existir não chega

Existir não chega,
é preciso viver e sonhar, sonhar muito,
estar todas as horas
no aviso solene de um solista
que nos mostra o relógio
enquanto ouvimos dele a música
que queremos para nós.

Escutar a sinfonia
que corre atrás de um fogo,
uma busca para arder,
para vermos a vida a verter
diante dos nossos olhos
a cada dúbio
e instantâneo segundo.

Aparecer e desaparecer em simultâneo,
não ser uma vítima do instante,
mas sim quem o agarra
e o prende com a força frenética
que ele pede.



Licença

Quero arar o que dizem impossível,
roubar o mundo e pô-lo no soneto,
porque existe um universo acessível
a quem se acha distante de completo.

Ser total é ter percepção de vários
que passeiam nessa totalidade,
ser os peralvilhos dos mostruários,
ver a maçã a cair, gravidade.

Visitar o armazém do inconsciente
é estar consciente do que se pensa,
ser as metades, uno e diferente,

e viajar nos aviões da despesa
que concebemos no céu adjacente
às asas para as quais temos licença.



Criação

A dança do pensamento
pisa o salão da visão,
é no pátio do momento
que germina a criação.

Concebo franzinos versos
num vigoroso vazio,
espiono aulidos excelsos
no intrínseco deste rio.

Danço vestido a rigor
nesta confusão que crio.
O mais alto passo é o amor
pois é ele que me cria o pio.



Penso quem me pensa

Distante passadiço onde descanso
de cabeça posta nos pensamentos,
onde em dúbias peripécias balanço
procurando aproveitar os momentos.

Caio na poesia, vontade imensa
de revelar tudo o que vejo e sinto,
e o que sinto é que penso quem me pensa
e que sou verdadeiro quando minto.

Contradições e mais contradições,
nas quais embato sempre que me penso
ou quando tenho fictícias visões

que me fazem mergulhar, mar imenso
onde brotam diversas confusões
que tornam tudo muito mais intenso.



Embalagem

Tornei-me um poeta,
passeio todos os dias por Lisboa,
dou voltas que me fazem pensar e pensar,
e no fundo nem penso,
porque todo o pensamento é obsoleto,
a embalagem rotulada
do sonho desmistificado
ao qual nem todos têm acesso.



Poetizar

Acho que se temos alguma coisa
para dizer, devemos poetizar,
porque para que outra pessoa me oiça
é preciso a métrica matizar.

Tudo pode ser dito numa rima,
e se posso rimar assim o faço,
porque querer dirigir para cima
é conseguir tirar rimas do maço.

O meu poema elegido é o *Opiário*;
Pessoa é o meu enorme professor,
porque contar sílabas é um cenário

que alça para um sítio superior;
tenho de dominar vocabulário
para que seja um poeta maior.



O que aqui digo

Toco o piano do discurso
quando digo sem pensar,
nas teclas do meu percurso
oiço as palavras a teclar.

O silêncio é um instrumento
que toca num dúbio código;
expulsá-lo é um sentimento
que manifesta o que aqui digo.

Na caverna dos demónios
vivem harpas que alumiam;
no núcleo dos pandemónios
tocam violinos que afiam.



Retira o que te vele

Vadio soletrar da voz do impulso
nas ações que tomo de mão aberta,
quando não penso, lembro-me do pulso
e do que por ouvi-lo me liberta.

Porque reagir é não querer pensar,
é ser inteiro e não ser guiado
por aquele que outro nos faz guiar.
Então, segue o impulso descomplicado

e vê-te nas sensações a morar,
porque é de repente que se percebe
o que meditado não vais achar.

Ser impulsivo é estar na flor da pele;
aquele que a água do impulso bebe
nunca pensa. – Retira o que te vele.



Incógnito

Descodifico aquilo que em mim flui
para que possa estar mais perto de mim,
para que seja eu, e não um produto
[personificado
daquilo que a sociedade me fez.

Escuto-me nas metades a quem me dou,
porque tudo isto é isto, e a dor da solidão
deixou de me atingir, o fogo de artifício da vida
proporciona-me um olhar deslumbrante
por cada detalhe que comigo se cruza,
por cada gesto alheio que comigo contracena.

O cenário com que me deparo todos os dias
ao puxar os meus suspensórios mentais
é unanime para comigo, busco, nessas voltas
[que dou,
aquilo que está por descobrir na algibeira,
e o ribeiro corre comigo e sem mim,
e eu atiro pedras que como peixes voadores
saltam na tremenda dimensão
que é aquilo que é incógnito.



Preâmbulo

O lugar onde me topo é um preâmbulo
do lugar onde estarei no futuro,
por isso pela escrita eu deambulo
com vista a estar no lugar que procuro.

Um lugar onde me lê e divagas
naquilo que aqui digo sem dizer,
procuro dar-te um local onde alagas
o olhar daquilo que te vês a ler.

E então o ritmo retoma à morada
que vejo nascer no meio de insânias,
uma rua na leitura encontrada

que transpomos e onde nos conhecemos,
damos a mão nas letras momentâneas
e apertamo-la, um eco onde nos vemos.



Regato

Olha para mim pacífica
e diz-me o que agora sentes,
na languidez vejo a genica
dos teus meneios fluentes.

Não sei como te dizer
que o gesto do teu sorriso
é um momento de lazer
que me assalta sem aviso.

Escuto o que pronuncias,
mas é a tua feição que capto,
o que regalo são minúcias
que adornam o teu regato.



Estou dividido

Estou dividido, estilhaços do ego
espalhados pelo chão enigmático,
o qual piso, tem agomis que rego
repletos de vozes de cariz vático.

Surjo no segundo que alguém germina,
porque cada segundo sou um outro
que vejo existir naquela vitrina
aonde vejo de soslaio um sopro,

que me faz mudar e ser repartido
pelos vários que aqui se situam,
e então como um cálice fraturado

vejo vários caminhos num sentido
onde espero que pessoas fluam,
partes do ser que é desempacotado.



Dizer meu amor

Procuro-te no largo eco
do ímpeto e da ternura,
acho-te no estreito beco
onde o teu riso sussurra.

Dizer meu amor é achar
o trilho que grude o dito
a esse cicio que é pensar
a dança que em ti eu fito.

O gozo de estar contigo
a meu lado, faz dançar
os arroios quando te digo:
meu amor dizê-lo é amar.



Genuíno

O olhar foge das figuras olhadas,
fico onde me sinto, externo no mundo,
coloco os sentimentos nas tomadas
e vejo a eletricidade no fundo.

Genuíno. É assim que se deve ser,
é como me sinto, as máscaras fogem
para um Carnaval que não sinto haver
nestas ruas verdadeiras que surgem.

Daí querer vaguear nesta jornada
que construo, que é a vida entrelaçada
nas ondas que sinto a comparecer.

E então nado no que é a maré vedada
pelo olhar que fabrico na fachada
fabricada no que fabrico ao ver.



Identidade

Andamos ancorados
a um total excesso de tudo.

A informação e o entretenimento
berram aos nossos massacrados ouvidos,
tanto que nos esquecemos de vaguear
pela nossa janela de água
que é a identidade.



Ruas diagonais do olhar

Falo das ruas diagonais do olhar
porque é a posição onde nos trocamos,
onde aquilo que vemos é um lugar
e o que concebemos é onde inventamos

outro lugar enlaçado ao primeiro,
e a invenção é o pensamento enleado
às ruas que estão já nesse roteiro
onde sair dele é seres achado.

Por isso tripula sempre o que sentes,
e não faças parte da realidade;
ao pensar que o que vês é real mentes

porque uma visão irreal tu tens,
e ao reinventares a tua cidade
vais mar fora à procura de onde vens.



Unicidade

Permitimos que nos talhem
a personalidade sem objeção.

Temos de refutar por quem nos tomam,
e ser um ser uno de pensamentos únicos,
que divergem da igualdade alheia.

Beber pelo cálice da sociedade,
entregarmo-nos ao ócio por instantes
e perceber, ao abrir as eclusas,
que não existem desculpas
para não sermos nós próprios.



Momento

Construo o meu planeta, um universo
longe do mundo onde sei existir,
e passo-a-passo vou vendo o reverso
do que do real vejo discernir.

Passeio na cabeça, uma avenida
onde constantemente me liberto
de qualquer corda que sinta sentida
e que me puxe para baixo. Perto

de onde vivo existe uma nova rota
para descobrir a cada segundo,
por isso me solto da visão torta

que me captura onde não quero estar,
e construo no momento o meu mundo
porque é no momento que quero andar.



Degustação

Diz o que pensas dizer,
mas sem nunca dizer nada,
pensa no que queres fazer
e faz-te à curva na estrada.

Longe do sabor do dito
degusta perto o pensado,
saber porque se está aflito
é meio caminho andado.

Prova o futuro que inventas
para provar que és capaz.
na estrada apenas te sentas
se a tua inventares... faz.



Progresso

Procuro uma verdade universal,
uma fórmula que resuma o mundo
num verso que possa escrever, vocal
forma buscada nos timbres do fundo.

Quero expressar ao máximo quem sou,
porque no futuro aparecerá
alguém que vai viajar onde estou
e que nos meus versos se encontrará.

Chamar-lhe-á progresso, é vagaroso
o processo preciso para o avanço,
alguém pousará onde agora pouso

e verá na alma uma pena de ganso,
por isso confesso estar desejoso
que outro se sinta naquilo que alcanço.



Poetas

A tradução da vida não existe,
existe em versão original,
conteúdo de quem somos,
ao passarmos pelo vestíbulo da poesia,
encontramos, nós, poetas,
aquilo que pensámos,

andamos todos
a contar piadas sérias uns aos outros
para que a dor seja tão fingida
que ténue se sentirá.



Dicotomias

A verdade é que nasci para o mar,
para vogar sem entraves ou lemes
na ondulação onde me sinto estar,
onde chegas na utopia onde remes.

A espuma das marés é uma metáfora
para o branco da folha que coloro,
sinto-me nas ondas, um dentro fora,
onde fora daqui e aqui eu moro.

Dicotomias, bainhas cosidas,
que contemplo no soalho do quarto,
quarto esse, que é metáforas ouvidas.

Estava a falar do mar onde vogo,
e nem as vozes dos búzios descarto
quando ateio nesse mar este fogo.



Terraço

Tácito lugar. Passo
dado a um sítio aparecido...
conheces este terraço
onde o detalhe é sentido?

Incêndio aquilo que brota
nesse tácito lugar,
um bulício para a rota
o teu trilho se tornar.

Uma casa que contorno,
um tugúrio que se encontra,
um rumo de voz adorno,
a realidade é uma montra.



Soneto do amor

E o amor... amor é fogo... que arde e vejo
tão nítido como qualquer visão,
dissemino-me e por ele me alvejo
e sinto a bala no meu coração.

É tão dúbio... e indizível quando chega,
por isso escrever sobre ele é difícil...
uma pessoa fica sóbria e cega
quando o sente chegar grosseiro e dócil.

Enlouquece quem o tenta entender
porque é somente algo perceptível
que arranha e afaga dê por onde der.

É tão dúbio... e indizível quando chega,
com ele não tropeçar é impossível
na rua onde ele te desassossega.



Impossível

Tudo o que escrevo é imperfeito,
quero a perfeição, e então nessa busca pelo
[impossível]
começo a acreditar nele como via
para a descoberta de quem sou,

e sinto ser tanta coisa
que não haverá papelada capaz de me traduzir,
por isso vou tentando criar esse laço
cada vez mais crível com o impossível,
e é aí que nasce a inovação
e um sentimento de superação inigualável
que me leva numa viagem
pelas passadeiras pessoais.



Claraboia

Não tenho medo nenhum de morrer,
só quero deixar aqui o edifício
que edifiquei com versos, escrever
aquilo que algo, e penso ser propício

que um dia me venham a conhecer,
porque uma obra como esta que enalteço
não pode sumir ou permanecer
desconhecida, por isso aqui teço

as bases que uso para construir
a claraboia que te mostro lúcido;
o que quero é viver para sentir

tudo o que anda difundido e perdido
nas ruas que sinto chegar e vir,
e edificar este timbre, um somido.



Galope à beira-mar XXX

Gravilha contida no asfalto que visto,
audível despiste no piso pensado,
por isso pensar é banal, palco misto
que esquece que só a sentir se é elevado.

Eu quero planar, estar livre de ideias,
por isso não penso, ou penso bastante,
apanho do sonho as ocultas boleias
e dou o que vejo na partilha constante.

Partilho a loucura que sinto e conduzo
nas páginas, folhas que vazo e traduzo.



Como soas?

A sonância da fala é o que interessa,
o tom com que as coisas são declaradas,
é aí que uma sensação nos atravessa
e nos demonstra as emoções soadas.

Elimino o ruído para estar
na genuína maneira dos gestos
quando se sente a voz gesticular.
Sente-se mentirosos ou honestos

os sujeitos que escutas a falar;
através do tom com que eles falam
percebes o que sentes escutar.

É a sentir a sonância das pessoas
e aquilo que os sentidos inalam
que vês as auras. – E tu, como soas?



Galope à beira-mar XXXI

Passado encontrado nos dóceis outeiros
que vejo da fraga onde pouso a caneta,
flexível falar o idioma dos isqueiros,
o lume acendido que brada e poeta.

A chuva esquecida na suja valeta
que vi quando fui genuíno novato,
é o chão levantado que me ergue e projeta
e fez com que fosse hoje o fato do tato;

Do toque letrado que penso escrever
no corpo robusto do meu parecer.



A travessia

A travessia para outro lugar
é feita devagar, é após a queda
que te ergues e te sentes navegar,
que retiras do olhar o que te veda.

É depois do pesar que te levantas
para poderes fazer o que queres,
mergulhas no teu novo eu e espantas
para num novo universo te veres.

Realidade que de repente surge
distinta daquela que conhecias,
pasma então com aquilo que ruge,

com aquilo que no cume desfias,
num lugar que é muito perto, bem longe,
onde vês na verdade as fantasias.



Segredos

Ateio-me nas palavras que escrevo,
fogo posto nos galhos dos poemas,
e nas labaredas compostas ferve
abrasando em todos estes fonemas.

Fogo. Quero incendiar o poema,
ir com o lume a remar nas fagulhas,
expor neste incêndio um novo sistema
onde existem festas, fragores e bulhas.

Abrasar as palavras com os dedos,
é isso que procuro, dar-te este fogo,
quero que flagres nestes meus enredos

e que saltes das fragas e penedos
para vires ter onde me interrogo
quais são desta labareda os segredos.



Galope à beira-mar XXXVI

Na relva onde pouso a cabeça cansada
regalo na brisa a metáfora dada,
parece que vejo metáfora em tudo
não fosse metáfora todo este mundo.

É dúbio o que digo, parece que sinto
o ambíguo feitio daquilo que visto,
caminho confuso e nem isso acredito,
pois não estou tão baralhado, saltito

de pedra em cascalho à procura daquilo
que forma na brisa a metáfora, o asilo.



Original

Vogal naval e astral
no meio de consoantes, original.

Hiatos por todo o lado,
não fosse a empatia óbvia,
uma soante e constante
interjeição em qualquer cavaqueira,
que se forma
como uma procela ou uma labareda.

e aí, nessa interjeição,
todo o rigor se torna sonâmbulo,
e as sensações acordam
para toda a novidade das feições,
porque existe vida
e sonhos nas feições.

A descoberta começa.

O hiato enlaça.
E eu, a vogal, conheço noutra vogal
feições que em mim desconhecia,
original.



Língua vadia

A inspiração surge de todo o lado,
para onde quer que me vire a poesia
abre a boca para dizer o içado
tom que nasce de uma língua vadia.

E então escrevo enquanto nomadizo
de uma para outra rota que rebenta,
e solto de amarras ando e poetizo
pelas ruas de uma vista sedenta

de ser dita nestes versos que sinto;
romantizo a dor, cargo de poeta,
e içando a língua portuguesa pinto

o que respirado vou consumindo,
e escrevo sem termo, barreira ou meta,
aquilo que tingido vai surgindo.



Galope à beira-mar XXXVII

O timbre que nasce na queda da voz
é fala, silêncio guiado por trilhos;
conduzo o poema, nascente na foz,
volante guiado por vários rastilhos.

Pairar nesse timbre é um incêndio fulgido
que acende no lume falado o ruído,
ruído que torce o silêncio entendido;
garrafas onde abres as rolhas do ouvido.

Juntar o penhasco com chuva que chega
é cair no escorrega do abismo que rega.



A transparência de uma casa

A casa vai-se
edificando,
alicerces como meneios,
o telhado, um olhar
de várias telhas.

O sono como porta
e nos sonhos a fechadura,
a realidade janelas,
e aduelas chaves.

Abrimos então os cortinados,
e tudo está no sítio certo,
sentamo-nos numa das cadeiras
que vamos conhecendo
numa das nossas diversas
assoalhadas.

E guardamos a dor, a existir,
na garagem ou na arrecadação.

E olhamos pela primeira vez
com os olhos nas paredes,
a sua transparência.

Galope à beira-mar XXXVIII

Tombar na noção é cair na valeta surgida;
estar no embaraço é caminho para andar
naquele afastado soalho da vida,
ou seja, ir ter ao inferno e voltar.

Chegar onde vês paradeiro no mar,
no mar cogitado, por vezes ignoto.
fazer o relato das ondas, falar
aquilo que sentes sonhado e remoto.

Depois do penedo saltares verás
nas cartas envoltas um único às.



O cimo

Olho e o que vejo é desafinado,
mas tão afiado e harmónico se sente
que, como um panorama ornamentado,
me faz ver o que se adorna adjacente

à paisagem que no exterior se orna.
Olhos como dois instrumentos que uso
para visitar o que interno rosna,
e nesse rosar a vista traduzo.

Porque o que se vê é apenas passagem
para aquilo que realmente se vê,
que é no panorama uma miragem

bordada pelos olhos do teu imo;
e quem meramente no que vê crê
não conseguirá ver na vista o cimo.



A realidade soa-me estrangeira

Tradução sóbria daquilo que digo,
mas imprecisa pois não é o que penso,
e simultaneamente é, porque irrito
aqui o que torna real o senso.

A realidade soa-me estrangeira
ao íntimo cenário onde resido,
por isso acendo no imo uma lareira
que me afasta do cenário colhido

pelo olhar que somente vê, e vejo
depois a surgir a tal tradução
de tudo o que neste oceano almejo.

Quero traduzir aqui quem me sinto,
tanto a percepção como o coração,
pois quem me vejo e penso não omito.



Fragmentos

Estou mais afastado de quem sou;
fragmentos espalhados pelo chão
que apanho e uno no lugar onde estou,
mas outros permanecem no tufão

que leva a minha personalidade
e que me faz perder no temporal.
Tão confuso estou em jovem idade
que até me sinto um marco cultural.

Alucino, mas tenho consciência
das fantásticas alucinações
que fazem parte da minha vivência.

Dentro de mim possuo opiniões
contrárias, permanência e sonolência,
um só ser que pertence a mil versões.



Galope à beira-mar XXXVIX

A vida mergulha no mar que cogitas;
aceito na lei da atração a verdade,
é quando descobres quem és, quando gritas,
que surge na vida o mergulho, a cidade.

Cidade onde escondes a praça pensada,
lugar onde chegas depois de afundar,
no cimo respiras a casa habitada
por seres que estão no alargado voar

de ti. A voar se descobre a cimeira,
por isso volita e descobre a algibeira.



Sei que existo

Sei que existo, e existir é flutuante
volante que me faz querer ser mais
do que um mero poeta deambulante,
e então viro e indago para onde vais

nesta jornada que fazes na vida,
onde ser poeta não é ambição,
mas sim a vida dita e traduzida
nos longínquos passeios da razão.

Escrevo, pois, preciso de escrever
para que esteja vivo e por segundos
me deslembre do que é estar a viver

numa realidade que sabe a pouco,
por isso na escrita vou indo a mundos
que ergo, pois melhor cria quem é louco.



Poética

Começam os nós
na refinaria aérea,
o tugúrio é visível e derrama,
os dedos seguem o derrame.

Um processo moroso, tradução,
elevação, e as ruas do monitor
são passeios de poeta.

Os lábios não seguem a boca,
e a escrita cobiça o excelso sabor.
O paladar é dúbio.

E depois de refinado o processo,
desata-se os nós,
e surge, traduzido,
o poema.



Galope à beira-mar XL

Agora que penso, terei eu um génio
em mim? Não me vejo um, talvez,
não sei, a certeza de ser um boémio
é certa, sem dúvida sou um burguês.

Visito o achamento daquilo que ruge,
daquilo que chega, disparos do espírito,
gatilhos pesados, uma arma aqui surge,
e então todo o tiro é algo tácito e escrito.

Boémia é já parte de quem sinto ser,
mas génio? Não é algo que deva dizer.



Moradas divergentes

As pessoas que vejo são análogas
a algo que sinto existir aqui dentro;
quando noutro te sentes em ti vogas
e quando te sinto no mar eu entro.

No mar que é a realidade singular
onde somos aquilo que outros são,
onde sentimos outro, devagar,
a chegar perto da nossa noção.

E então uma transformação é certa,
a acontecer na pessoa que sentes
a chegar a quem és, que te desperta

a sentir de outra maneira os poentes
e que te demonstra um sinal de alerta
que quer dizer moradas divergentes.



Mapa

Os dedos,
remos,
vão seguindo o mapa.

A jangada segue,
e a madeira bate na água,
corrente violenta
que instrui e elucida.

E os dedos
andam na deriva
daquilo que ondula
na cabeça.

De binóculos
o marujo
vê na cascata
a descida,

e no fundo,
a fronteira
no mapa.



Morada

A minha morada é peculiar,
singular casa que na lira fiz,
onde vivo e me sinto a buzinar
à espera de que oiçam gritos anis.

Pois vivo livre e de janela aberta
a olhar para outros que vejo passar,
e a poesia desata e desaperta
os gradeamentos que a dor vi atar.

sinto a canícula que me acalenta
e me faz por vezes abrir a porta
para ver noutras casas quem me assenta,

para me fazer de um sono acordar,
para que endireite a pessoa torta
que às vezes na casa sinto habitar.



Galope à beira-mar XLI

Anseio afinar o que escrevo e fluir
na rua que curva o passeio onde vago,
o medo é um lapso, é preciso seguir
em frente, e encontrar no vulcão o seu lago,

cratera formada depois da erupção,
bonança encontrada. No ímpeto andar
é estar no caminho real, coração
que pulsa; pensar é não ser o voar.

Navega distante do medo, no enredo
que afinas coloca um impulso, o folgado.



Tantas realidades

Tantas realidades... como é possível?
E ver-me dentro delas não é fácil,
porque soa a uma ocorrência impossível
estar onde me sinto verossímil.

Sou verdadeiro, mas sinto a rotura
na minha sóbria personalidade,
uma espécie de sonância sussurra
algo que me despista da verdade.

Vivo para amar, e vivo liberto,
mas conhecer-me distorce quem sou
e então afastado me vejo perto.

E o lugar para onde lúcido vou
é um lugar desorganizado e incerto,
por isso colho o momento onde estou.



Mergulho

Os sentidos,
submersos em palavras,
atiram-se da prancha.

Uma vática chapa acontece
e tudo se torce, como um pano,
em pianos.

E naquele ápice
em que a respiração é nula,
e tudo é o corpo em água
e uma óbvia vontade
de chegar acima,
somos as sensações.

Um mergulho dado
no poema
como as cordas
de uma viola
a vibrar.



Uma antiga montra

A genuinidade é rara hoje em dia.
Quero ser uma página de verdade,
porque ser honesto é ser quem nos cria
e faz ver no sonho a proximidade.

Quem mente está a cair na impostura
e torce a sua personalidade,
por enganar vai estar na rotura
daquilo que julga ser realidade.

Sê sincero para veres o mundo
a abrir as portas que não conhecias,
existe algo recôndito no fundo

que só com a verdade se demonstra,
e essa realidade que antes sentias
será apenas uma antiga montra.



Transparência

O fumo de uma chaminé eu agrafo
com o grampo de retinas ensaiadas,
como uma afinidade que fotografo,
como uma baía em brechas achadas.

O gris acento entretece-se no olhar
amalgamando-se aquilo que sinto,
neste cômodo vejo-me a fotografar
o quadro de fumo que algures pinto.

Longínquo de tão próximo esse lugar
onde o fumo aformoseia a aparência,
onde me vejo com o palpável a dialogar,
onde fumo esse fumo, transparência.



A linguagem

Vejo a linguagem como a metade
entre o que digo e o que sentes ouvir,
cultivo no que digo a liberdade
e assim, quando a colhes podes sentir

que ao falar contigo me sinto livre.
Não tenho quaisquer cabos ou travões
que me coloquem numa luta-livre
onde não quero estar, tenho visões

que me fazem sair da realidade
e emigrar para o esquisso que debuxo,
para estar onde o instante é novidade.

A linguagem é um firme repuxo
e a água entendida a loquacidade
que tento mostrar, para isso te puxo.



Silêncio nu

Sonoro filtrar
das iguarias filosofadas,
corpo dado em vasos sem palmas,
vaiados pela rotura de nós próprios.

Porque a vida, essa ementa de segundos,
passa como areia pelos dedos abertos,
e figura nas metades a ilógica harmonia,
prato servido por pó e marfim,
entregado na mesa de uma cova.

Verdadeiro soar daquilo que se veste de som,
para que viva em engano da verdade,
porque nu é o silêncio, farpelas faladas
apenas camuflam tudo o que se passa
entre as paredes do corpo.



Sinto-me um

Sinto-me um. O que é raro ultimamente.
Sinto sempre um convívio de diversos
seres a falar com outros na mente,
e então, desses diversos nascem versos.

Mas agora, neste preciso instante,
sinto-me consciente de quem sou,
e vim escrever, como deambulante,
o lugar para onde penso que vou,

mas como para onde vou eu não sei
então só me deixo fluir na rota
para onde me levo e antes me levei.

Mas dizia que me sinto um, um ser
uno. Apesar disso outros nele nota
aquele que me sinto a transcorrer.



Como uma teia

Contemplo aquilo que surge aluado,
aquilo que aqui passa e jornadaeia,
e procuro deter no olhar soado
aquilo que se entrelaça como uma teia,

e que é fruto de uma alucinação
que sei existir na minha cabeça,
mas viver naquilo que é uma noção
errada é viver para quem me teça.

E então, concebo estas filosofias
onde me sinto comigo a falar,
e onde o lápis lido aqui tu afias.

Ser poeta é um modo de me saber,
de conhecer as ondas deste mar
que acredito que um dia possas ler.



Ambrosia

Uma abelha de fulva jaleca felpuda
e aguçado espículo anda de flor em flor,
como um literato que o seu pólen gruda
a um poema, obtendo o seu mélico sabor.

No alveário, com as suas hialinas asas,
dissemina o néctar que andou a recolher,
entre convulsos bulícios e agudas pausas
o poeta atufa os favos com seu dizer.

A índole é uma ferreta que aqui embica
como geleia real colhida nos vocábulos,
um melífero vestíbulo de cera lírica
que nos faz voitar para florais pináculos.



Sentir de todos os jeitos

Passeio longínquo do mundo autêntico,
ou pelos menos do qual julgas único,
mas o que penso de quem sou diverge
daquilo que penso ser, onde imerge

um pensamento distinto de tudo
que me faz pensar em sentir, no fundo
só isso, sentir de todos os jeitos
todos os pensamentos dos sujeitos

que sinto aqui a andar, ao passear
na infinitude da rua que vi
dentro da minha visão singular.

Estar no passado onde me senti
e no futuro delir e ancorar
para que possa estar onde vivi.



Corais

A rota no meio das algas
mostra-se.

E entre curvas
namoro um precipício,
e as alternativas da rotunda.

Pode ser que veja um castelo,
pode ser que veja um poço,
mas, entretanto, sigo a rota,
porque no meio das algas
estão corais.



Pensar rouba tempo

Pensar rouba tempo para sentir,
por isso o pensamento é quase nulo
nesta viela onde me sinto a ir
rumo a um lugar distante do casulo,

Onde ancoo as ideias no momento
libertando-me daquilo que penso;
pensei demais e senti um tormento
por isso agora pensar eu dispenso.

Vivo para fluir, é esse o futuro,
estar ligado a quem deriva em nós,
sentir todo o ápice do sussurro

Que de repente surge e faz agir,
desenlaçar no momento os seus nós
e sem pensar, deixares-te fluir.



Distração de criança

Dúbio recreio
dos sentidos
nas marmóreas
divergências encontradas.

Inaudito lugar
onde a dor se amarrota
como uma camisa,
e a nódoa seca.

A mundícia surge
como uma descoberta,

e os sentidos baloçam
de outra maneira,

e a paisagem,
depois da passadeira,
é óbvia,
igual e distinta.

A realidade perde
a forma, a geometria,

e tudo se torna
na distração de uma criança.



Soneto

O soneto começa no pinote,
começa a deslizar nas prateleiras.
busco asas e ideias e sem que note
existe já mar, ilhas e palmeiras.

Oblitero o universo que subsiste
e aparecem curvas no pavimento,
invento e dou comigo num despiste
que me faz esquecer o pensamento.

Existe já amor, paixões, e cenas,
essas coisas que nos fazem sentir;
querer somente saber do momento.

Lugar de sensações livres e amenas
onde o rigor nasce sem refletir,
e assim, nasce o fluir, nasce o soneto.



Algibeira

Roubo da algibeira da alma estes versos
onde vou esquiando uma feição,
opostos que se conhecem, reversos
que refletem e que têm coração.

Sonidos vários que correm no âmago
como burburinhos de borboletas.
e porque fui tão poético? Indago...
ando a indagar por ruas lisboetas,

indago e escrevo, divagar é vida,
divago nesses bulícios do amor
onde o timbre teima, voz dividida

que me faz querer ser eu e compor;
fluir neste rio de forma fluida
e ser dessa algibeira o seu raptor.



Ornamentos

Coloco lambris nos tapumes do meu poço,
um canapé que manifesta o nímio garbo,
um tapete Sisal do qual possuo o esboço,
uma inacabada escultura que rebarbo,

um espelho veneziano perto de um atril,
uma ampulheta que constantemente viro,
um acervo de livros num vetusto barril
onde ponho uma pena de ganso e um papiro.

Coloco um candeeiro que alumia o espaço,
um biombo de bambu, painel decorativo,
colocar ornamentos é aquilo que eu faço
para dar a este lugar um toque mais vivo.



Contradição

Vai rumo à partida das ilusões
onde a ilusão é um paraíso real,
estalam pulsos, rugem corações,
viver passivo à vida é ser banal.

Por isso vive e lembra o teu foco,
é em mortalhas obscuras que te vês,
tento dissuadir-te, o ponto onde toco
é o que é refém do coração que crês.

Vive sem entraves, deixa-te ir
rumo à realidade que desconheces,
assim te verás sonho, e irás sorrir.

É na manta que destapas que aqueces,
pois é quando te vês chegar e vir
que vês na contradição as benesses.



Metades

Procuras em metades a tua forma.

Vais desenhando quem és em pessoas alheias a
[ti,
e dos gatafunhos chegas, por fim, a casa,
e olhas, no papel onde foste desenhando,
a tua forma, fruto de inúmeras metades.

E depois, inteiro, pegas no lápis,
e comesças a tua história.



Guião

Se falas, obedeces.

Colhes do inconsciente a tua postura,
e é ele, embora tu, que te dá as linhas, falas.

Somos um produto de quem somos,
da nossa inconsciência.

Se falas, estás a seguir um roteiro.

E a consciência da inconsciência,
proporcionará seres
o teu próprio guião.



Dominó

Tenho o pensamento desalinhado,
mas ao mesmo tempo cá me construo,
o meu olhar é um caos, mas alinhado
em calhas de organização flutuo.

Não falho uma sílaba, mas serei
sempre aquele por quem não te interessas,
talvez seja mesmo autista, não sei,
sei que ando obcecado em assestar peças.

Porções que encontro por aqui perdidas,
que em dominós organizados meto
e assisto às peças a cair seguidas.

Rimas onde ponho quem sou completo,
e observar por aqui tantas vidas
é pior emenda do que o soneto.



Poema

O súbito poema é uma cascata
de versos tecidos por alfaiates,
uma mágoa de gravata se trata
e amarguras são ótimos remates.

A profusa ardência é um frugal ruído
que entra pelos vácuos do pensamento,
abotoa-se aos vãos do atento ouvido
e como um golo é aplaudido o momento.

Passes principiam, passos que dou
no campo onde a razão desaparece,
onde em passados distantes estou.

Mas um futuro avisto, e a tola tece
os meandros longínquos de quem sou,
e ao findar o poema, ele aparece.



Fundo

O fundo rompe aquilo que se pensa,
aquilo que se sente fura o teto,
prepara uma saída da despensa
e aproveita a introdução do momento.

Vive como se o amanhã fosse alforra
e agarra de mão fechada a ocasião,
o caminho do instante a visão forra
e ensina a estar dentro da solidão.

Estar no fundo ensina a meditar,
a marear nesse caos que vemos
onde nos vemos connosco a remar.

Ver o tempo é querer aproveitar,
é ingressar nesse lugar com os remos
que são premissas no pensado mar.



Cidade

A cidade mostra-se nas lâmpadas.

Vais acendendo quem és em várias lâmpadas,
e descobres luz em tudo.

E é quando descobres o interruptor
que as ruas se formam, os prédios se edificam,
e uma só janela surge, e com ela uma única
luz.

E a cidade, que as lâmpadas te mostrou,
é agora a tua cidade.



O poeta é um tingidor

Tenho passeado imenso, e longínquo
me sinto, distante das emoções,
pareço estar preso a um cenário ambíguo
onde tenho milhões de opiniões.

Oiço discussões e não as entendo,
estou tão calmo que nada me atinge,
e este paradoxo aqui vou dizendo
pois poeta tinge quem é, não finge.

Vou dizendo aquilo que me atravessa
pelas pontes que junto com archotes,
acendo passagens de uma travessa

e vou de um lado para outro distinto,
ando a fazer mortais, ando em pinotes
na onda que me leva aquilo que sinto.



Magnetismo

Com tantos sonetos fico confuso,
miragem pertinente que se adapta
a um olhar roubado, único, obtuso,
que pelo exterior se desata e ata.

E tudo é um mundo fictício e difuso
onde a realidade é um antagonismo,
os poemas na gaiola eu pouso
para que na porta haja magnetismo.

Arte na bandeira içada que foge
com a rapina do vento chegado,
os dias não são o amanhã, são hoje,

e o universo é já uma estante cheia
onde a vida é um instante ciciado,
e o sangue passa na pensante veia.



Galope à beira-mar XLII

No pátio do timbre que ruge aparece
um som germinado na casa da morte,
por isso viver surge, adeja e enriquece;
viver é saber as raízes da sorte.

A morte aparece, e aceitar nela a queda
é crer em mim próprio, cair do penhasco
é meio caminho, e tirar o que veda
é fisga apontada, ter flecha e ser o arco.

Saber as pegadas da morte é pisar
a areia e deixar nela os búzios do mar.



Música

Música que se ouve sem embaraços
na ilusão que é já uma realidade,
paixão incógnita que estende os braços
e nos abraça com intimidade.

Fuga de quem julgamos conceber
na feição intimidativa que surge
nas ruas intrincadas deste ser
que sente a música que cinge e punge.

Música que volita nos ouvidos
de quem se sabe sentir nela ouvido,
de quem patenteia os timbres sentidos

no corpo do pensamento absorvido,
na distância dos arredores vindos
de quem é pela música absolvido.



Passadiço

Passadiço sobressaído
entre as telhas concretas,

mundo de sono ao acordar
que se emoldura na realidade,
e todo o vento parece ser metáfora
como tudo aquilo que vento se torna.

E na súbita viagem que ocorre
um lento pasmo suscita
onde quem és não dormita,
sonha.



Etapa

Uma alhada surge como fogo posto,
e é aí que a cidade se torce e se sente
nos ramerrões de um múltiplo rosto
onde a memória chega e não te mente.

Por isso ruge alto e sobe as colinas,
pega nas pás que mostras e destapa
aquilo que tapa e cobre as minas,
pois ouro há quando se passa a etapa;

a etapa que escolheste para ti,
aquilo que te fez mexer o cordão.
Aquilo que em mim eu topei e vi

foi o que mexeu com o coração,
uma doce viagem onde vivi
e que me fez mudar de opinião.



Adeus

É nas velas de um barco que se sonha
que o vento passa como um escarcéu,
e onde quer que a pessoa se suponha
essa brisa soa sempre ao teu eu.

E o barco vai em direção a ti,
sabe onde te escondes pois viu o vento,
sonho que tiveste e que eu não vi,
o mar espera-te, adeus pensamento.

A ondulação é óbvia e relativa
pois existe remos pra utilizar,
vê-se ao longe a semelhança, o momento,

uma memória que mareia ativa
nessas rotas que o vento foi buscar;
o mar espera-te, adeus pensamento.



Gravilha

Mortalhas aparentes
velando a alvura consistente,
fazendo sumir o real palco
em partículas.

E tudo fica um demoroso
palato da vida,
observando nela
a noção do que ela é.

E então a escrita
surge como uma derrapagem
necessária no asfalto,
e toda a gravilha se sente.



Fluidez

Deixar fluir sem entraves é o truque,
sotaque inédito de um passo aéreo
dado em direção a um som, um batuque
que torna o pensamento infantil sério.

Assalto à fluidez que se observa útil
na construção das linhas, alicerces,
onde se põe um livro num atril,
onde no adornar da mente apareces.

Mundo encontrado na terra fluida
onde tudo são momentos fugidos,
uma ironia de uma rima lida

num adejar de cenários ouvidos,
uma proposta instantânea e sentida
que a cabeça faz aos dedos relidos.



Galope à beira-mar XLIII

Ateio nos versos o fogo que sinto;
a rusga em morada dispersa acontece,
sequestro poemas em mim, em quem pinto,
e algures no vático som alguém tece

aquilo que surge, a ateadada fogueira
que inflama a floresta onde ondeio, passeio
em busca dos olhos de alguém na cegueira;
pois cego é quem vê no tormento um esteio.

Verdade que sinto excessivo e não minto;
ateio nos versos o fogo que sinto.



Coração

A pele talhada pela razão
é fruto que cai em solos discretos,
como a folha chamada coração
que é rasurada por oblíquos retos.

Aceitar que o bater do pulso pensa
é saber que sentir bate mais alto,
é ter em gatafunhos uma crença
e saber pairar no eco do planalto.

Ouve esse planalto como um barulho
que se talha leve pelos subúrbios
daquilo que está para lá do embrulho.

O chiar da cabeça dá arrepios,
por isso ouve numa noite de julho
a batida dessa folha e os seus pios.



Interesse e Tédio

Nesta janela, vidro por onde olho a rua
repleta de gente habitual que passeia,
uma senhora tem uma discussão crua
com uma pessoa que com ela guerreia,

outra procura no bolso algo que perdeu,
quicá a sanidade, ou apenas algum papel,
um senhor trata o empregado como plebeu
e pede o cardápio, olha de esquelha cruel.

O som dos motores dos carros estremece
nos ouvidos, tal e qual a discussão que ouço,
enfim, hoje até o cego da viola aborrece,
nem que aqui estivesse de Rodes o Colosso

eu me animaria, tal é o aborrecimento,
o tempo está ameno, um ledão gaiato ri-se,
um casal vai de mão dada no pavimento,
a ver se me alegro, e chega de tagarelice.



O Deambulante

O olhar de quem busca o desconhecido
tece a realidade que comparece
nesse lugar combinado, vestido
pelos laços do sonho que aparece.

Vivo agarrado às tocas que teço
nessa curva que se faz sem volante,
os paradoxos eu procuro e meço
para que seja um louco deambulante.

Passeia pelo trilho que se expõe
nas cachoeiras do teu pensamento,
assim irás ver na queda o momento.

Vibra com o ínfimo detalhe, põe
quem és nas lagoas do sentimento
para que te oiças no sóbrio relento.



Carácter

Feição atópica
daquilo que se alça
como um forame cultivado
em pregas diáfanas.

Apetite de entender
aquilo que se renuiu
por ser pouco plausível,
mas que se expõe
nas penelas do impossível.

Sabor melífluo que surge
no vestíbulo moderno,
onde antes era acre o paladar,

mostrando o carácter.



Contornos

A rota da aragem é a que percorro
pois é essa que me faz compreender
os dúbios caracteres de um sussurro,
as incógnitas digressões do ser.

Passo onde estou, nos desvios que vejo
nas intrincadas ruas que cortejo.
De cabeça erguida e costas direitas
vou-me recobrando em veias estreitas.

Na estrada sinto o flexíloquo jeito,
a metáfora que me enfeita e adorna,
formulo na realidade um conceito

que imaginativo me cultiva e orna,
mas mais fundo é ir ao bater do peito
e encontrar nele aquilo que contorna.



Galope à beira-mar XLIV

O voo que faço diverge de tudo,
a dança onde oscilo contorce o cenário
que julgo teatro de um mundo miúdo
onde alço no voo os bailes do aquário.

Aquário onde estou, uma carpa no topo,
vivendo na água do ritmo espalhado
por plumas e rimas que encontro no corpo,
um fundo que soa a um olhar alienado.

Caminho nesse alto onde sou o tal voo,
e com os novelos que espalho eu soo.



Rio

Apaga o trambolhão e sobe rente
à colina que se ergue para ti.
Existe uma voz lida e divergente
nas páginas rasuradas que vivi.

Pensamento que se adorna no pátio
onde vamos com a noite a fluir,
a mágoa para outras ruas partiu;
vejo agora um vento risório a vir.

Colho o momento e rio do sombrio
pois saber estar vivo é aproveitar
as ondas, surfar na vida com brio.

Dar de caras com um vendaval frio
e saber ver nele o quente do ar,
pois dimanar é o princípio de um rio.



Como água

Caudais desviados
da via, da norma, da regra,
onde se encontra
padrões dissolvidos
em cristalina solução,
água.

E então o itinerário
torna-se a digressão
dos pássaros pensados,
e a passada aumenta
com vontade
de descoberta.

Chegando a um lugar
onde as cissões de átomos
são protocolos
da cabeça, e tudo flui,
como água.



Ilógica

Rio entretendo a lógica sonhada
como se fosse uma coisa sumida,
tudo soa a uma cascata cismada
que ao se descer se vê a subida.

Sobe-se um voo que nos elucida
nas asas onde se voga entretido,
pois o pensamento é a fala ouvida,
mas esquece-se da fala do ouvido.

Na feição do mar sonhado aparece
uma lógica que a lógica aviva
porque a congruência desaparece.

Sente-se então uma maré esquiva
que em corais nos estaciona e tece,
porque a imaginação é absurda e ativa.



Passeios

Flutuo no enredo da liberdade;
é agradável passear só comigo,
descobrir nas abertas a cidade
e nos apertados becos o abrigo.

Estar sozinho com os pensamentos;
às vezes faz falta essa rua andada
onde me deposito nos fragmentos
que vou encontrando ao ver a estrada.

Lisboa contorce-se no que vejo,
no Cais sinto o rio, uma metáfora
que me adereça, onde eu bracejo.

Estes passeios são um dentro fora,
uma rima onde nasce o ego e o desejo
de ser o eco que outro bardo decora.



Galope à beira-mar XLV

Na cova que cavo ideando um palácio
parece existir peripécias furtivas
que olham de relance o apertado opiáceo
que vejo na vila onde sinto visivas

as faces da lua onde passo alienado.
Existo em crateras dispersas e turvas;
venero o tugúrio que é um rio turvado,
e vivo ambulando nas cálidas curvas

que faço nas ruas que mesclo na mente,
mas vivo se sente quem muito se sente.



Escrita

Fôlego sustido na peripécia
criada pelo suspiro arrojado,
que passa na exalação e sacia
o que acredito ser algo voado.

Sentimento fugido que comprime
aquilo que pensado te colora,
a ouvir as exaltações daqui vi-me,
e agora tudo é um grito que me forra.

Mas esse grito é uma voz agradável
como qualquer coisa boa que ocorra,
pois sinto nesse fôlego algo estável.

E prometo escrever até que morra
porque aqui sinto-me e estou saciável,
e é aqui que me pedem que me percorra.



Horas

A indiferença tornou-se uma norma,
deixei de cursar os trilhos pensados,
tudo é um futuro de modesta forma
onde existem quadros imaginados.

Vivo ancorado às vozes que surgem
como um desígnio que quis para mim,
mas a vida é calma, os ecos pungem,
mas a brutidão é dócil aqui.

Relógios móveis andam a passar
por ruas imóveis que me habitam,
por calçadas construídas no ar.

E então eu surjo como um trambolhão
nessas horas que passam, a escutar
as falas concretas do coração.



Sino

O olhar da vida aparece vedado
pelas miragens com que se depara,
por isso me sinto um pouco aluado
nesta estrada onde vejo a minha cara.

Vejo a liberdade quando reflito
e se não penso a liberdade vejo,
é um dado adquirido que não omito
pois neste lugar eu nado e velejo.

Sinto muito a vida. Quero explodir,
expor-me ao ridículo que germino
e cair nas sensações do sentir.

Cantar-me como um emocional hino,
permanecer acordado a dormir
e ouvir na liberdade o ar do sino.



Loucura

O agitado pairar da voz pensada
é o tom que me nivela e acaricia,
tudo se torna numa forma alada
que o meu pensamento lava e sacia.

Sou um insano consciente disso
e agrafo o que medito nestes galhos,
onde a chuva se tornou no sorriso
e as sargetas se tornaram soalhos.

É aqui que rebenta o fogo do engenho
e que a loucura espevita a destreza.
Às vezes o que escrevi eu estranho

porque às vezes toldada é a clareza
quando embarco neste louco desenho
onde ser louco é já uma certeza.



A Fuga

A fuga tornou-se a minha realidade.

Fugi para uma alucinação tão límpida
que o escape é onde estou.

Rodei a maçaneta, e quando entrei,
estava aqui.

A porta era quem pensava ser
mais o que fui depois disso.

Uma mistura,
tudo é um contexto presente
de interrogações passadas.

Quando me vi longe de quem era,
pensei que não mais era eu,
e durante essa fuga,
percebi que nunca estive
tão perto de mim.



Ambição

Deixei as drogas. E é sóbrio que escrevo
melhor o que me passa na cabeça,
com drogas era sujeito a ser servo
daquilo que traça a minha sentença.

Acredito que fiz a escolha certa,
assim tudo flui com um contexto,
posso agora uma juvenil meta
que é ser só poeta, ter um pretexto

para poder escrever à vontade
e ser o melhor de sempre na língua
portuguesa; é inalar a liberdade,

chegar ao profundo desta cidade,
respirar pelos cachimbos da mímica
e estar sóbrio, dentro da realidade.



Furor

A andança dos sentidos colhe o fogo
que se ateia na lenha do teu íntimo,
esquece as deselegâncias do afogo
e procura uma escada para o cimo.

É no cimo que a vida entoa e canta;
se a ouves cantar então estás lançado,
pois das fagulhas um mar se levanta
e é das cinzas que colhes o plantado.

Cair é o início, a queda é necessária,
é preciso passar o Bojador
e lembrares que a dor é temporária.

Mas se achares o cimo vês o amor,
e então o fogo será uma ária
e o ritmo trará com ele o furor.



Agora que sei o amor

Agora que sei o amor
sei-me melhor do que nunca,
o poeta é um fingidor
pois a dor que sente é oca.

Vi-me a pensar sobre mim
num sofá distante daqui,
esse amor fundo senti
e agora saboreio-o aqui.

Estaria em coma nesse
outro universo sonhado?
sei que sempre que me pense
o amor sempre será achado.



Carimbo

Estou a perder a cabeça. Aberta
que aparece nas nuvens esboçadas,
uma voz que escuto, um sinal de alerta,
uma insânia em imagens ancoradas.

Sou um poeta confuso comigo;
os poemas que redijo sorriem
porque sei que um dia vão ser o abrigo
de outros poetas que comigo rimem.

É estranho viver para a poesia,
viver para me ir recuperando
nos versos, búzios, praia, maresia.

Mas aqui posso ser quem quero ser,
um carimbo que vou cantarolando
para quem sou timbrar, selar e ver.



Intrínseca moção

Fojos que exibem
a intrínseca moção,
e nos articulam através de reflexos.

Bastão erguido dentro,
mandinga óbvia de conteúdo impossível
que nos fornece forma.

Feições que ornarn
os alfobres da realidade,
onde se enceta
o corpo, artigo
de toda a essência
que com ele
se guinda.



Paradeiro

Silêncio entendido
no travo do desacerto,
oblíquo talhe omitido
quando o longe soa perto.

Vacila a boca quando diz
o que dizer é impossível,
pois esse amor que quis
virou grade inesquecível.

Agora conto histórias
no paradeiro da memória,
lembro de quando te rias
por marear nesta euforia.



O Lugar

O excesso de informação faz sair
da nossa cabeça e sermos inábeis,
é preciso pensar por nós e ir
para um lugar onde não somos reis.

Caber dentro de nós no penetrante
espaço que é só nosso, produção
da imaginação, um lugar sonante
onde somos tudo, o mundo, a visão.

Querer ser uno onde cabe o universo,
saber ser vários e ultrapassar
aquele que fomos. Ver o reverso.

Sair desse lugar, atravessar
as nossas barreiras, e pôr em verso
o lugar onde queremos estar.



Ignoto Acento

Parapeito do sorriso
entre as linhas aéreas,
procurar-me em ti viso
e esquecer coisas sérias.

Sonho perplexo que corre
nas entranhas do que sou,
implexo sentido que foge
dos paradeiros onde estou.

Controlo tudo demasiado
com fios que cosem lento,
quero afiar o desafinado
e afinar este louco acento.



Cenário

Cenário
assomado
nas caligens da safra
que fazes dentro.

Imaginas, encontras.

Uma contante descoberta
daquilo que surge
sem remos em jangadas.

timbre amadeirado
a bater nas margens,
agressivo, suave.

Tudo depende das marés
que fabricas
nesse cenário.



Fogo

Impulso de estar contigo
nesse momento esquecido
pelo sabor de um abrigo
que paira no que é sentido.

Na cama das sensações
onde te sentes amada,
onde ardem os corações
numa dança controlada.

Arde o teu corpo perdido
na lenha desse desejo,
beijo perverso e fugido
brotando o fogo do ensejo.



Por um tempo

Quero ficar sozinho por um tempo,
aproveitar para pôr as ideias
em dia, fazer da vida um momento
onde ocupo de voos as aldeias.

As aldeias da minha cheia tola
onde a personalidade dispersa
a um ser múltiplo que vejo se cola,
e redijo-me devagar, sem pressa,

no soneto onde moro por instantes,
neste lugar onde me patenteio,
onde debuxo moradas distantes.

Quero fazer da vida um passatempo,
fazer das palavras o meu esteio;
quero ficar sozinho por um tempo.



Ondas

Quando as ondas tu olhas
fico a sentir o que sentes.
Quando estas folhas desfolhas
sei que o íntimo não mente.

Por isso sincera te acho
e a verdade escorre aqui,
acendes o frio facho
pra estares perto de mim.

Quando foges para casa,
essa casa onde te escondes,
é quando a paixão se vaza
e atravessa as nossas pontes.



Sou Louco

Sou louco, mas tão lúcido me sinto,
a bruma que descola no que penso
é já espelho daquilo que pinto,
onde estou numa pintura suspenso.

Frutos caem, as estações mudam,
e eu continuo a gravar a insânia
nestes versos onde eus se grudam,
onde cavo e ergo a água subterrânea

de onde bebo confuso, longe, sóbrio.
penso mil substâncias e não omito
que a minha razão está por um fio,

pois tudo diverge de tudo. Pinto
o que passa neste disperso rio;
sou louco, mas tão lúcido me sinto.



Rir

O chumbo, aquilo que penso,
é pena se não pensar,
daí o pensamento ser raso
e o arremessar para o mar.

Vivido sentir que corre
nas minhas várias alíneas,
emoção que aqui escorre
nesta face que tu assinas.

Cogitar é perder tempo
que podes usar pra sentir,
o que interessa é o momento
e aproveitar para rir.



Depois da dor

Lágrimas não são de todo argumentos,
mas porque não chorar se te apetece?
Deixares-te levar pelos tormentos
é bom pois depois o brilho aparece.

Depois de cair é só levantar,
o portento está para lá das grades,
é preciso em enredos navegar
para comparecer nas liberdades.

Aceitar é o truque para aprender
a descobrir na rota os resultados,
aprender a elevar é estar no ser

à procura de quem somos uivados,
é necessário a dor sentir e ver
para sermos nós mesmos elevados.



A minha aspiração

Quero ser o mais sublime poeta
de sempre, a minha aspiração é enorme,
não escondo a minha sede ou meta,
em mim a ambição não seca ou dorme.

Por isso vou escrever sem parar
dia e noite, aprender com os melhores,
viver para existir aqui, rimar
com quem sou sem esquecer os rigores.

Quero ser lembrado, e se não o for
pelo menos conheci-me nos versos,
e senti tudo, até as voltas do amor.

Essas voltas onde me vejo, vendo
em mim diversos poetas dispersos;
para ser o melhor vou escrevendo.



Quadro

No quadro onde me torço como um pano
pinto quem sou, o que tanto desejo,
as cordas da harpa, as teclas do piano,
os sopros da flauta, as notas de um beijo,

o azul da manhã, as curvas da rua,
vozes de pessoas, timbres poéticos,
o corpo esbelto de uma mulher nua,
o vento guindado, e morais de éticos.

Pinto o que penso, e que bem que me sabe,
sentir-me livre neste trilho onde ando
ao sabor dos pinceis da liberdade.

Ser pintor dos rabiscos que possuo,
onde vou na tinta lilás pensando
que neste quadro me pinto e diluo.



Egos

Vou lutar para que vejam quem sou
através da escrita, vou compor tanto,
uma obra do tamanho de onde estou,
e onde estou é infinito, sou um canto

composto pelas marés para que olho,
um livro aberto que abro para ti.
As minhas histórias eu desfolho
para que me erga nos egos daqui.

Sim, egos, sou já um conjunto ímpar,
uma estrada com curvas onde viro;
várias janelas de um mesmo lugar.

O que sinto da cabeça retiro
para que erga nas ondas o meu mar;
e acredita: um mar múltiplo eu miro.



Nítido

Na tournée da minha cheia cabeça
pego o microfone e falo alto tudo,
espero que a partitura me teça
e começo a vaguear pelo mundo,

chegando milhões de filosofias
como relâmpagos onde tropeço,
estou a correr em ruas vazias
e ser no poema às musas peço.

Canto e o meu palco é tudo o que declaro,
ando por aqui a cantar as músicas
de uma noite fria e de um dia claro.

E tudo é um espaço nítido e raro
onde enuncio quem sou nas rubricas
que vou grafar, com elas me deparo.



Vítreo soletrar da vida nas linhas
que vou compondo, exaltada paixão
que existe, onde com os olhos sublinhas
o esquisso do esboço do coração.

Amor que oblitera o superfluo solo
neste pavimento onde colho a vida,
o poema dispensa protocolo
onde sei que a minha cabeça é lida.

O amor, esse, é transparente cenário,
tão dúbio que nos faz enlouquecer;
gabado seja quem fundo o sentiu.

Nas jornadas que vês acontecer,
onde alguém da dorial dor se riu,
é onde te tornas o quem que vês ser.



O eco da rua

Ando comigo na rua intrincada
do meu pensamento desmesurado,
ando a cursar uma dura jornada
onde tudo é um grande vulto avultado.

Não que esteja magoado, estou sóbrio
das sensações dúbias que me traçam,
e então fluo nas vozes como um rio
onde as margens lidas água vazam.

Água que agarro e grudo nos sonetos,
e penso tanta coisa que me perco
na pronúncia dos meus próprios acentos.

Mas longe de mim parar, paro seco;
continuo a escrever estes excertos
que nascem nessa rua onde vejo o eco.



Sou tantos

Talvez um dia vejam excelência
nisto que escrevo, a métrica entoada,
o conteúdo fruto da audiência
que em mim existe cantada e encenada.

Tantos. Tantos que em mim contemplo ser,
e juntam-se para escrever, um só
vê os outros, a percepção de ver
outros é ter consciência do nó.

Do nó que dou consciente de tudo
o que dimana na minha cabeça;
manifesto o meu espaço, o meu mundo.

Ando no palheiro em busca da peça
que encaixa noutras que estão no fundo,
e quem me lê nesse profundo ingressa.



Mistério

Vivemos todos a vida pensada
e a vida sentida. É deixar o corpo
sentir tudo, e deixá-lo na jornada
que fazes, ver no vácuo cheio o copo.

Sentir tudo de todas as maneiras,
deixar de pensar sempre que possível;
assim vais ver abertas as torneiras
e andejar no que julgas impossível.

Andar na vida com a gargalhada
que sentes e ao mesmo tempo ser sério,
esquecer essa vida que é pensada

e seres pássaro em terreno aéreo,
assim encontrarás no azul a estrada
e sentirás resolvido o mistério.



Metáforas

As metáforas são vida disfarçada,
um cultivar no teu entendimento,
nelas a insóbria realidade é içada
e um vai-e-vem pousa no pensamento.

Por isso aprecio tanto escrevê-las;
tónico para a pele do poema,
escrevê-las é colocar-me em telas
e expor de maneira dúbia o dilema.

Um vento colhe o que paira na tela
que vou pintando ao lá me colocar,
acendo com fósforos uma vela,

fósforos que são como ondas no mar;
no meu âmago o fôlego congela
e faz-me metáforas soletrar.



Dilúcido

Nesse soalho do sonho
onde lúcido me vejo,
patenteio o que componho
e a realidade é um bocejo.

Parece que me conheço
longe de quem sinto ser,
o sonho é um perto aceso
que me assinte conhecer

essa ordem onde me sinto,
essa emoção onde viajo,
acredita pois não minto
ao saber que nele me acho.



Castelo

Vou cavar a areia e erguer um castelo,
com ínfimas pepitas se constrói
algo grandioso, sublime e belo;
dos vilões da cabeça brota o herói.

Nasce em mim uma ambição desmedida
que lembra que posso ser quem quiser,
a dor ardeu a floresta, sumida,
surgida das cinzas no que fizer.

E faço então esse castelo erguido
pelos alicerces que em mim criei,
uma viagem de um poeta lido

que entre bilhões de grãos encontrei;
construo nos poemas um sonido
com o meu compasso, e esse só eu sei.



Gorjeta

Ando a marear nas sensações claras
que passam no difuso pensamento;
liberto os entraves, travões e amarras,
para que possa entender o relento.

A rua onde sou um mendigo sábio
que ocasionalmente toca guitarra;
é bom não ter ponteiros, um horário
faz com que sinta as horas, e quero farra.

Quero estar a redigir sem relógio,
ver tempo sem a areia da ampulheta,
não ver as horas no quadro ilusório

que gero, e ver as feições da faceta
que me agasalha como flui um rio;
quem sabe se não ganho uma gorjeta...



Poesia

A minha casa é a poesia, respiro
ecos nas letras, a métrica é fôlego;
pelo cachimbo do poema inspiro,
e expiro o fumo deste fumado ego.

Se calhar sou um autista emotivo
que tem um toque para conteúdos
sensíveis, um poeta oblíquo e altivo
que aglomera em si poetas sortudos.

Abro as janelas para ver a vista,
o sol abraça a matura paisagem
e faz com que dance na clara pista

da minha divisão, uma clivagem,
a miragem dita por um linguista
nesta casa do coração de um pajem.



Original

Descobri a realidade no trilho
que fui manifestando no passeio,
com as desonestidades guerrilho
e no passeio uma lâmpada veio

ter comigo, daquelas das ideias,
e mostrou-me aquele que sou real,
o sonho que me dirige nas veias,
uma voz de um poeta original.

E depois vim escrever, é o que faço,
é uma forma de me ir conhecendo
nas ideias que sou, onde me traço.

Aqui vou sendo quem vou concebendo,
puxo quem sou do meu sonhado maço
e fumo a realidade que vou sendo.



Livre

Escrevo como forma de existir,
e o meu jeito pareço conhecer
nestas voltas onde sinto sentir
os corrimões da escaleira do ser.

Agarro os solavancos que passei
para estar mais próximo de quem sou.
Vivi como ninguém, e até amei,
e ainda ando à procura de onde estou.

Estou no limbo, mas na realidade
também, o que investigo é uma cidade
longe de mentiras e da vaidade.

Livre. É como me sinto em tenra idade.
Na bonança e longe da tempestade,
escrevo os feitios da liberdade.



Ser lembrado

A vida tornou-se a rua onde ambulo
em busca de respostas que preciso,
o pensamento em mim é quase nulo
pois quero apenas sentir, e isso viso.

Iço a bandeira poética na haste
encontrada na caverna onde entrei,
talvez seja excelente, talvez traste,
mas redigir é aquilo que sei.

Quero viver para ser recordado;
parece estranho passar pelo mundo
sem deixar uma marca, olhar traçado

pelos papeis encontrados no fundo.
Quero ser pintura e ser pincelado,
ser o pincel do meu ser oriundo.



Final

Súbito rigor que sinto nos versos,
sou obcecado pela métrica, ergo
as casas como a água dos reversos
mares que bebo nas velas do ego.

Sigo as pistas que vislumbro na rua
onde ando um pouco alheado e lunático,
sim, sinto-me louco na lua nua
que acosso, e às vezes sinto-me apático.

A verdade das coisas está à vista,
e é essa verdade que procuro e sigo
nas periferias abertas da escrita.

E nem sei se sou obcecado, irrito
aquilo que sinto, e as mágoas evito,
ser o melhor é o final que persigo.



Consciência

Estou consciente de que me sonho,
pegadas onde me vejo marcado,
rastros de espuma na areia suponho
e vejo o mar sumido e relaxado.

Sumido porque o eco desaparece,
esse som que é fruto imaginativo,
e então a vida estala e comparece
aqui, como um eflúvio interativo

que fumo, e na fumaça me disperso,
esse é o poder de desaparecer
e me inalar totalmente num verso.

Colar-me na teia que teço, e ver
neste mar a metáfora que meço
com a régua que uso para tecer.



Tintura

A poesia é a minha vida, isso mesmo,
permaneço neste quebra-cabeças
onde muito sinto, me jogo e cismo;
traço nas dores as suas sentenças.

O tribunal onde me penso circula
nas incógnitas tocas onde habito,
e uma vontade de viver regula
o meu ânimo, um pavimento escrito

que vou percorrendo, um poeta lido
pelos sonidos da própria leitura.
Aqui viro páginas e decido

as normas métricas da partitura;
poema é um vigorante vício vindo
dos baldes cheios da minha tinta.



Ambíguo

Água que corre no rio onde corro;
fui passear e visitei o olhar
que possuo, no frio pus o gorro,
e agora agarro a vida a vaguear.

A loucura embala e ensina a pensar,
é em loucos pensamentos que resido,
e vou andar por aqui a embalar
a postura que busco no omitido.

Um traço continuo é algo flexíloquo,
ou seja, naquilo que vejo existe
algo que existe também, algo ambíguo.

Tudo o que falo tem duplo sentido,
e aquilo que eu olhei ou tu viste
foi algo que foi falado ou ouvido?



Legos

Monto versos como legos que encaixo,
e obviamente sinto aquilo que escrevo,
acendo a chama atrevida no facho
e reparo nela a arder, no relevo.

Despedaço os lençóis da realidade
e tiro a toalha da mesa fútil,
quero estar na cama da liberdade
e pôr a cabeça no coxim de mil.

Vou assistindo ao abrasar da chama
enquanto me amontoo e me aglomero,
e vou vendo as folhas cair, a rama.

Talho aquilo que faço com esmero;
inútil é quem me cativa ou ama,
mas quem me cativa ou ama venero.



Declaração de insânia

Estive internado num manicómio,
tenho uma declaração de maluco;
aprendi *jiu-jitsu* e agora me rio
da dor que foi verem-me como louco.

Pensar distinto não é estar doente,
mas o psiquiatra, o Doutor Ricardo,
é um ótimo amigo, um excelente ente;
já esqueci o que é estar internado,

e agora escrevo, uma fuga de tudo,
encontrei nas palavras uma cura
para quem era um doente profundo.

A minha vacina é a literatura;
ler *Moby Dick* é curar o meu mundo,
e ser poeta é o esboço da loucura.



Quando acordo

Quando acordo nunca lembro quem sou,
é estranho, tenho de lembrar memórias,
fico confuso, nem sei onde estou,
e depois resgato-me em correrias

que faço pela pista do meu ego;
corro em busca de me recuperar,
começo por escrever, aí me rego,
tudo é uma enorme caligem no ar.

Distancio aos poucos o nevoeiro
que me impulsiona a comemorar
voltar a ser uno, completo e inteiro.

Vou-me recuperando, devagar,
até ver perto e próximo o letreiro
que me lembra que aqui é o meu lugar.



Cachimbo

Pareço desaparecer durante
um tempo, num vácuo fora daqui,
algo visto longínquo, algo distante
onde pouso lugares que vivi.

Memórias que comparecem no limbo;
sirvo-lhes um café e desapareço,
mas não sem antes lhes dar o cachimbo,
o que Magritte pintou, que eu teço.

Porque aquilo que vemos é charada,
vemos a realidade pelo prisma
que concebemos, e não a fornada

servida a todos, fumo que subsiste,
portanto a realidade que se cisma
é distinta do que realmente existe.



Jardim

Nasci para escrever, para dançar
nesta pista que crio, onde deslizo,
um jardim de doutrinas a aflorar
onde ser poeta em vitrinas viso.

Vitrinas poéticas que fabrico
pois aquilo que se vê é imperfeito,
ou seja, o mostruário onde eu brinco
é apenas um protótipo que enfeito.

Aquilo que escrevo nunca vai ser
linear com aquilo que eu penso;
aquilo que tu vais pensar ao ler

os poemas, é díspar do que digo,
porque lêes o que pensas neste imenso
jardim. Para te ter perto me irrigo.



Magoito

Aqui, em Magoito, escrevo melhor,
a praia acalenta aquilo que sinto,
no adro da lira quero ser maior,
e quero explodir no quadro que pinto.

Sei que tenho talento para arar
este quarteirão onde me dissolvo,
devagar eu me sinto a reparar
que de outros aqui dentro me povoo.

Sou tantos, com distintas perceções,
o que complica a minha situação;
tenho de gerir vários corações

no interior de um ímpar coração.
Sou um punhado de contradições,
mas aqui, ganho uma melhor noção.



Oblívio

A morte, essa, vem de qualquer maneira,
e confesso, sofri por causa dela,
por cair em mim, encontrar a beira
de algo que me fez apagar a vela.

Foi assim que comecei a escrever,
encontrei na escrita o enorme pilar
que me fez de outro modo a vida ver;
e vejo agora no oblívio o meu mar.

A morte que venha colher a vida,
vivi como ninguém, a morte é ilesa
quando se atravessa a meta em corrida.

Amo o perigo de poder morrer,
por isso vivo com a tocha acesa
e flagro, abraso, e incendeio o meu ser.



Múltiplo

Sou quem sou. Algum em qualquer alguém,
múltiplo sim, mas um de alguma forma,
sou apenas alguém, vários também,
e um poeta a mil poetas retoma.

Nasço na curva que cravo na rua
que vejo construída na loucura,
neste proémio uma flauta flutua,
e com lúcidos sopros mostro a cura.

Milhões de sopros dúbios e vigentes
feitos pelo ar forrado de quem sou,
esse ar fugido; tugúrios fluentes

que mostram o passado onde estou.
Aqui fluem caveiras sorridentes
que me relembram para onde eu vou.



A Língua dos Poetas

Os poetas têm uma língua própria;
andamos a falar uns com os outros
através de ecos de mágoa e euforia,
de silêncios, estrépitos e estouros.

Contamos como é viver sem um corpo,
de corpo presente claro, vivemos
para nos dizer, bebemos um copo
nos poemas dos antigos, bebemos

uma loura nos versos de Camões,
e inspira-nos ler o *Tabacaria*;
pousamos em quem lê os corações,

e conhecer os truques é uma via,
porque existem segredos e lições
em quem como nós, alto se sentia.



Fio-a-fio

Quero superar-me a cada momento,
o instante é para mim um desafio;
quero achar-me dentro do pensamento
e montar-me devagar, fio-a-fio.

Conheço-me, mas quem é que conheço?
Vivem tantos que sinto conhecer
numa só pessoa que vive. Meço
a vida deles, mil que sinto ser,

a passear numa mesma viela
à procura da casa de cada um;
várias casas que construí na tela

de um idêntico que sabe ser diversos.
Serei esses todos, serei nenhum?
vou-me então conhecendo nos meus versos...



Peripécia

Ando a divagar na peripécia, alço
as pedras usadas numa muralha,
aquilo que flui é aquilo que calço
e então adejo quando o vento ralha.

Penso bastante, e não reflito nada,
uma contradição como as imensas
que tenho e sou, uma voz divulgada
pelos versos de crónicas submersas

na peripécia onde tonto divago,
algo que busco na arca da cabeça
onde tudo está ordenado e é vago.

Mas por mais que por aqui me entrelace
e por mais que nesta zona me meça,
verei sempre vários rostos na face.



ÍNDICE

Sinopse	3
Assinatura	4
Silêncio	5
Grilos	6
Poeta	7
Inconsciência	8
De repente	9
O que vou fazer	10
Ilusão de ótica da noção	11
Uma casa	12
Cadência	13
Acaso	14
Palco bilateral	15
Adormecer	16
Viragem	17
Olhar	18
Poetar	19
Galope à beira-mar I	20
Outros	21
Voar	22
Trapézios	23
Galope à beira-mar II	24
A minha voz	25
Olhar II	26
Integral	27
Liberdade	28
Intervalo	29
Nascer	30
Timbre	31
Faz-te	32
A paisagem	33



Poema marítimo	34
Passadiço	35
Galope à beira-mar III	36
Ruas como poemas	37
Arte	38
Espadachim	39
Ária	40
O outro idioma	41
Galope à beira-mar IV	42
Sumiço	43
Búzios	44
Sem boia	45
Contigo	46
Escrever	47
Mais lúcido	48
Amor por Completo	49
Vedado	50
Galope à beira-mar V	51
Aí	52
Delírio	53
Poesia	54
Galope à beira-mar VI	55
Enredos	56
Poetas	57
Miragem	58
Galope à beira-mar VII	59
Multiplicidade	60
Palco	61
Salto	62
Rostos	63
Por isso escrevo	64
Entornado	65
Contemplação	66
Inspiração	67
Sonho	68



Derrapagem da visão	69
Viridário	70
Levantar a grimpá	71
Alvorada	72
A ilha	73
Vários num uno	74
Beijo	75
Dúbio	76
Metáforas	77
Galope à beira-mar VIII	78
O pensamento evaporou	79
Aquilo que quero dizer	80
Becos	81
Galope à beira-mar IX	82
Tino	83
Êxtase	84
Mistérios em conceitos	85
Galope à beira-mar X	86
Água	87
Cipreste	88
A rolha	89
Galope à beira-mar XI	90
Simetria	91
Fulgor	92
Fisga	93
Galope à beira-mar XII	94
Soalho visceral	95
Tácita Terra	96
Galope à beira-mar XIII	97
Balelas sérias	98
Lira	99
Galope à beira-mar XIV	100
Sinal de Alerta	101
Galope à beira-mar XV	102
Ser inteiro	103



Zona	104
Olhar	105
Em relação à droga	106
O meu local	107
Galope à beira-mar XVI	108
Viagem	109
Deixo fluir	110
Futuro	111
Viagem	112
Galope à beira-mar XVII	113
Sentir	114
Papiro	115
Galope à beira-mar XVIII	116
Voz discreta	117
Tempo	118
Em busca da perfeição	119
Conhecimento	120
Paradoxo	121
Galope à beira-mar XIX	122
Curvas constantes	123
Amar	124
Digressão	125
Galope à beira-mar XX	126
Verdade abruta	127
Uma farpela no terraço	128
Pesadelos	129
O poeta é um tradutor	130
Pólvora	131
Galope à beira-mar XXI	132
Quero escrever	133
As emoções das pessoas	134
Sem importância	135
Galope à beira-mar XXII	136
Memória	137
Refúgio	138



Enganos	139
Galope à beira-mar XXIII	140
Comba	141
Fumaça	142
Galope à beira-mar XXIV	143
Raiz	144
Sonha	145
Fuga do mundo	146
Despedida	147
Expressão	148
Para-quedas	149
Galope à beira-mar XXV	150
Ser poeta é o que sei ser	151
Vem ter comigo	152
O amor	153
Galope à beira-mar XXVI	154
Ternura	155
Galope à beira-mar XXVII	156
Nasci para isto	157
Peculiar	158
O viajante	159
Personalidade	160
Perto	161
Diversas vistas de uma janela	162
Galope à beira-mar XXVIII	163
Pintura	164
Correspondência	165
Galope à beira-mar XXIX	166
Remodelação	167
Existir não chega	168
Licença	169
Criação	170
Penso quem me pensa	171
Embalagem	172
Poetizar	173



O que aqui digo	174
Retira o que te vele	175
Incógnito	176
Preâmbulo	177
Regato	178
Estou dividido	179
Dizer meu amor	180
Genuíno	181
Identidade	182
Ruas diagonais do olhar	183
Unicidade	184
Momento	185
Degustação	186
Progresso	187
Poetas	188
Dicotomias	189
Terraço	190
Soneto do amor	191
Impossível	192
Claraboia	193
Galope à beira-mar XXX	194
Como soas?	195
Galope à beira-mar XXXI	196
A travessia	197
Segredos	198
Galope à beira-mar XXXVI	199
Original	200
Língua vadia	201
Galope à beira-mar XXXVII	202
A transparência de uma casa	203
Galope à beira-mar XXXVIII	204
O cimo	205
A realidade soa-me estrangeira	206
Fragmentos	207
Galope à beira-mar XXXVIX	208



Sei que existo	209
Poética	210
Galope à beira-mar XL	211
Moradas divergentes	212
Mapa	213
Morada	214
Galope à beira-mar XLI	215
Tantas realidades	216
Mergulho	217
Uma antiga montra	218
Transparência	219
A linguagem	220
Silêncio nu	221
Sinto-me um	222
Como uma teia	223
Ambrosia	224
Sentir de todos os jeitos	225
Corais	226
Pensar rouba tempo	227
Distração de criança	228
Soneto	229
Algibeira	230
Ornamentos	231
Contradição	232
Metades	233
Guião	234
Dominó	235
Poema	236
Fundo	237
Cidade	238
O poeta é um tingidor	239
Magnetismo	240
Galope à beira-mar XLII	241
Música	242
Passadiço	243



Etapa	244
Adeus	245
Gravilha	246
Fluidez	247
Galope à beira-mar XLIII	248
Coração	249
Interesse e Tédio	250
O Deambulante	251
Carácter	252
Contornos	253
Galope à beira-mar XLIV	254
Rio	255
Como água	256
Ilógica	257
Passeios	258
Galope à beira-mar XLV	259
Escrita	260
Horas	261
Sino	262
Loucura	263
A Fuga	264
Ambição	265
Furor	266
Agora que sei o amor	267
Carimbo	268
Intrínseca moção	269
Paradeiro	270
O Lugar	271
Ignoto Acento	272
Cenário	273
Fogo	274
Por um tempo	275
Ondas	276
Sou Louco	277
Rir	278



Depois da dor	279
A minha aspiração	280
Quadro	281
Egos	282
Nítido	283
Ser	284
O eco da rua	285
Sou tantos	286
Mistério	287
Metáforas	288
Dilúcido	289
Castelo	290
Gorjeta	291
Poesia	292
Original	293
Livre	294
Ser lembrado	295
Final	296
Consciência	297
Tintura	298
Ambíguo	299
Legos	300
Declaração de insânia	301
Quando acordo	302
Cachimbo	303
Jardim	304
Magoito	305
Oblívio	306
Múltiplo	307
A Língua dos Poetas	308
Fio-a-fio	309
Peripécia	310



André Gaspar



André Gaspar tem 29 anos e estudou Ciências da Comunicação. Filmou e editou casamentos e eventos para: Hermès, Avon, o Banco Atlântico, entre outros. Trabalhou na Omnicam4Sky e na ProTV Dubai onde filmou entre outros eventos, jogos de futebol, corridas de cavalos e natação.

As suas principais inspirações são Fernando Pessoa por toda a sua complexidade, Rimbaud pela sua dicotomia jovialidade/maturidade poética, e Camões pela genialidade métrica. Nos tempos livres procura aproveitar a vida, fazer música, escrever, namorar, passear, aprender novos desportos e estar com amigos. Hoje em dia lê apenas poesia e procura desafiar-se diariamente para que os seus poemas se tornem cada vez mais complexos e emotivos. O seu interesse pela poesia surgiu após a leitura do "Opiário" de Álvaro de Campos.



Colecção

digit@lmente

Título: Água

Autor: André Gaspar

Edição: Catarina Lemos em Maio de 2022

© Autor e Elefante Editores
para esta edição digital

Contactos:

elefante@elefante-editores.net



Ideias e Paixões que vamos descobrindo
em cada livro e em cada palavra

www.elefante-editores.net

Editores de Poesia desde 1997